



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Aurora Manuela Alves da Silva Lopes

**Estudo das Qualidades Psicométricas
do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ)
para Avaliação do Temperamento de
Crianças Portuguesas entre os 3 e os 5 anos**



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Aurora Manuela Alves da Silva Lopes

**Estudo das Qualidades Psicométricas
do *Children Behavior Questionnaire (CBQ)*
para Avaliação do Temperamento de
Crianças Portuguesas entre os 3 e os 5 anos**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Carla Martins
e da
Professora Doutora Ana Mesquita

Outubro de 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Em abril de 1992, Christopher McCandless, decidiu deixar a sua vida toda para trás, rasgou cartões de crédito e de identificação, levantou todas as suas poupanças e, sem avisar ninguém, saiu de casa para embarcar numa aventura, longe do materialismo que tanto repugnava. Partiu numa viagem longa e solitária, mas para ele excitante, um viver na solidão apenas rodeado pela beleza e robustez natural, assim, um querer livre. No entanto, 113 dias depois, no meio do Alasca, com fome e literalmente preso na liberdade e solidão que procurara, Christopher ou Alexander Supertramp como passou a chamar a si mesmo, morreu sozinho, reconhecendo: *“Happiness only real when shared”*.

Seja uma história de um homem com ideais estúpidos que se suicida de uma maneira original, ou por um prisma mais romântico uma metáfora personificada para demonstrar que o Homem não é nada sozinho, tem, para mim, uma moral, a solidão é boa por uns minutos, horas, mas a riqueza que o outro traz na partilha de conhecimento, na troca de experiências, na ajuda do dia a dia, na felicidade repartida, não tem preço. Por isso, e, isto tudo, para agradecer, a quem foi comigo e me ajudou de uma maneira ou de outra a chegar ao fim da minha aventura, permitindo-me a partilha deste momento com eles. Assim agradeço:

À Professora Doutora Isabel Soares a inspiração das suas aulas e o “abrir da porta”

À Professora Doutora Carla Martins pelo ensino de todos estes anos de estudo, pela orientação e sabedoria nesta etapa final, pela disponibilidade e conselhos prontos, mas principalmente pelo email que mudou o curso da minha vida.

À Professora Doutora Ana Mesquita pela dedicação e disponibilidade, pelo lado de investigação que a minha ideologia poética acalma.

À Professora Doutora Marisa Fonseca por me incentivar a procurar, fazer, saber cada vez mais. Por me deixar trabalhar a seu lado e puxar por mim, sem ela nada seria possível, desistir é mais fácil.

À Inês pelo entusiasmo inicial e sorriso sempre pronto.

Aos meus tios (Landinho e Fatinha) por tudo o mais.

Por último, mas não em último aqueles para quem volto todos os dias, que me fazem ser grande na minha pequenez, que são a aventura de toda uma vida que não trocava por nenhuma outra. Com amor eterno à minha Mãe, Pai, Lucinha e Pedro.

E porque creio, a Deus e aos meus Avós que do céu são anjos da guarda, obrigada.

Estudo das Qualidades Psicométricas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) para Avaliação do Temperamento de Crianças Portuguesas entre os 3 e os 5 anos

Resumo

Este trabalho teve como objetivo a tradução e estudo das qualidades psicométricas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), versão “*Short*” (Rothbart et al., 2001; Putman & Rothbart, 2006) para crianças portuguesas entre os 3 e os 5 anos de idade. Neste sentido, realizou-se um estudo da sensibilidade, validade e fidelidade do instrumento, utilizando uma amostra de 603 progenitores do Norte e Centro do país.

Após a análise da sensibilidade dos itens e tendo por base o instrumento original tal como foi concebido e validado por Rothbart (2001), realizaram-se uma série de análises fatoriais – exploratórias e confirmatórias – numa tentativa de reduzir os 94 itens às 15 escalas do instrumento original. Das 15 escalas, 11 perderam itens que saturaram abaixo de .30 (e.g., *Nível de Atividade, Aproximação/Entusiasmo, Sensibilidade/ Limiar de Resposta, Medo, Elevada Intensidade de Prazer, Impulsividade, Controlo Inibido, Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva, Tristeza, Sorrisos/ Gargalhadas*). Relativamente à fidelidade das escalas, os resultados revelaram uma consistência interna razoável (i.e., .48 e .81), comparativamente ao original (i.e., .33 e .81).

De seguida, procedeu-se a novas análises fatoriais na tentativa de organizar as 15 escalas no modelo de 3 dimensões proposto por Rothbart - *Afetividade Negativa, Extroversão, Controlo por Esforço*. A configuração obtida foi similar à do estudo original. Os resultados da consistência interna das 3 dimensões, foi razoável (.68 na *Extroversão*, .69 no *Controlo por Esforço* e .60 na *Afetividade Negativa*). Os nossos resultados providenciaram evidências que permitem a aplicação do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) em Portugal como um instrumento viável e promissor para a investigação das dimensões do temperamento nas crianças.

Palavras-chave: Temperamento, *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), validação, análise fatorial

**Psychometric Qualities Study of *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) to Temperament
Evaluation of Portuguese Children within 3 and 5 years old**

Abstract

The aim of this study was the Portuguese translation and psychometric qualities of *Children Behavior Questionnaire – Short Form Version* (Rothbart et al., 2001; Putman & Rothbart, 2006) for children within 3 and 5 years old. Therefore, we studied instrument sensitivity, validity and reliability, using a sample composed by 603 parents from the North and Center of the country.

After the sensibility analysis of the items, and looking up the original instrument as he was designed and validated by Rothbart (2001), we proceeded with a series of factorial analysis – exploratory and confirmatory – so we could reduce the 94 items to 15 scales as in the original instrument. Of the 15 scales, 11 lost items that scored below .30 (e.g., *Activity Level, Approach/ Positive Anticipation, Falling Reactivity/ Soothability, Fear, High Intensity Pleasure, Impulsivity, Inhibitory Control, Low Intensity Pleasure, Perceptual Sensitivity, Sadness, Smiling and Laughter*). In what reliability is concerned, results showed a reasonable internal consistency (i.e., .48 e.81), relatively to the original's (i.e., .33 e .81).

Then, we proceeded to new factorial analysis, so we can try to fit the 15 scales in the Rothbart's 3 dimension model - *Negative Affectivity, Extraversion/ Surgency, Effortful Control*. The fit was similar to the original study. Our findings provide evidence that allows the applicability of the *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) in Portugal as a practicable and promising instrument to investigation of temperamental dimensions in young children.

Key-words: Temperament, *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), validation, factor analysis

Índice

Introdução	8
I. Enquadramento Teórico	9
1. O Temperamento.....	9
2. O Temperamento e a Personalidade.....	9
5. A Abordagem Psicobiológica de Rothbart	12
6. O <i>Children Behavior Questionnaire</i> (CBQ).....	13
8. Versão “ <i>Standard</i> ” do <i>Children Behavior Questionnaire</i> (CBQ).....	16
9. Versões “ <i>Short</i> ” e “ <i>Very Short</i> ” do <i>Children Behavior Questionnaire</i> (CBQ).....	16
II. Estudo Empírico	18
1. Metodologia.....	18
1.1. Participantes.....	18
1.2. Instrumento	19
1.3. Procedimentos.....	20
2. Resultados	20
2.1. Sensibilidade dos Itens do <i>Children Behavior Questionnaire</i> (CBQ).....	21
2.2. Validade de Construto do <i>Children Behavior Questionnaire</i> (CBQ).....	21
2.2.1. <i>Análise Fatorial Exploratória</i> dos Itens	21
2.2.2. <i>Análise Fatorial Exploratória</i> e Fidelidade das Escalas.....	22
2.2.3. <i>Análise Fatorial Confirmatória</i> aos Itens nas Escalas.....	24
2.2.4. <i>Análise Fatorial Exploratória</i> e Fidelidade das Dimensões	26
2.2.5. <i>Análise Fatorial Confirmatória</i> das Escalas nas Dimensões	28
Anexos	42

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1 Caracterização da Amostra</i>	<i>18</i>
<i>Tabela 2. Distribuição dos Questionários por Região</i>	<i>20</i>
<i>Tabela 3. Resultados do estudo Actual e o de Putman e Rothbart ao nível da consistência interna</i>	<i>23</i>
<i>Tabela 4. Configuração das escalas do Children Behavior Questionnaire (CBQ) no presente estudo</i>	<i>24</i>
<i>Tabela 5. Resultados da Análise Fatorial Confirmatória</i>	<i>26</i>
<i>Tabela 6. Análise Fatorial das escalas do CBQ.....</i>	<i>27</i>
<i>Tabela 7. Consistência Interna das dimensões do CBQ</i>	<i>27</i>
<i>Tabela 8. Resultados da Análise Fatorial Confirmatória</i>	<i>29</i>

Índice de Figuras

<i>Figura 1. Representação gráfica do modelo a testar</i>	<i>25</i>
<i>Figura 2. Representação gráfica do modelo a testar</i>	<i>29</i>

Introdução

No ano de 1981, Mary K. Rothbart apresentou o *Infant Behavior Questionnaire* (IBQ), um instrumento de relato parental sobre as características da criança alicerçado na sua definição de temperamento como sendo constitucionalmente baseado em diferenças individuais, na reatividade e regulação. Na verdade, vários autores, foram sugerindo diferentes formas de conceber o temperamento e de o avaliar. Thomas e Chess (1977) ou Buss e Plomin (1975) foram alguns dos autores que contribuíram para o enriquecimento não só das medidas do temperamento mas também a forma como é conceptualizado, nomeadamente no que toca às relações que existem entre as diferenças individuais e influências sócio-emocionais como a empatia (Putnam & Rothbart, 2006).

Durante o último quarto do século XX, Rothbart a par de outros investigadores, foi desenvolvendo novos instrumentos adaptados à idade da criança e baseados em construtos sobre o temperamento na infância. Há uma base comum na construção dos instrumentos, mas estes acabam por diferir nas particularidades próprias da idade da criança. No nosso estudo, fazemos referência a algumas abordagens teóricas que, de certa forma, influenciaram os estudos de Rothbart, discutimos a ligação do temperamento e da personalidade, referimos todos os instrumentos de Rothbart para nos centrarmos depois, na conceção e desenvolvimento do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), o alvo da presente investigação.

I. Enquadramento Teórico

1. O Temperamento

O construto do temperamento é comumente concebido como a organização básica da personalidade, que é observada na infância e, a partir da qual, se vai tornando mais elaborada pelo desenvolvimento das competências do indivíduo, quando as suas habilidades, cognições e motivações se tornam mais sofisticadas (Bernan & Calkins, 2008; Calkins & Degnan, 2006; Rothbart & Bates, 2006; Rothbart, Ahadi & Evans, 2000; Shiner & Caspi, 2003).

Várias teorias sobre o temperamento se baseiam em prática clínica, em abordagens psicométricas sobre diferenças individuais, em observações comportamentais e considerações genéticas (Else-Quest et al., 2006). Apesar da aparente variabilidade nas suas origens e abordagens metodológicas, a verdade é que as teorias tendem a partilhar princípios comuns. Um exemplo disso é que a maioria das abordagens sobre o temperamento gravitam em torno da teoria da personalidade de Allport que enfatiza as diferenças individuais na emoção: *“Temperament refers to the characteristic phenomena of an individual’s nature, including his susceptibility to emotional stimulation, his customary strength and speed of response, the quality of his prevailing mood, and all the peculiarities of fluctuation and intensity of mood, these being phenomena regarded as dependent on constitutional make-up, and therefore largely hereditary in origin”* (1961, p. 31).

2. O Temperamento e a Personalidade

A conceptualização do temperamento em crianças, como este se vai desenvolvendo ao longo do tempo até estabilizar, os diferentes instrumentos e as suas implicações na formação da personalidade, têm sido a bandeira de gerações de investigadores.

Alguns destes investigadores acreditam que o temperamento é a dimensão geneticamente determinada da personalidade (Buss & Plomin, 1975; Jason & Mathiesen, 2008). Outros, como Muris e Ollendick (2005), acreditam que o temperamento é a manifestação observável da personalidade das crianças a emergir, o cerne de onde a personalidade um dia se virá a desenvolver. Pelo contrário, Rothbart e Bates (2006), concordam que o temperamento está limitado a processos básicos de reatividade e autorregulação, o que não inclui o uso de pensamento e defesas baseadas em conceptualizações. Assim o temperamento é o núcleo afetivo, ativo, e atencional da personalidade, enquanto esta é entendida como mais que o temperamento, incluindo o conteúdo do pensamento, habilidades, valores, defesas, moral, crenças e cognições sociais.

Conceptualizações mais atuais, veem as primeiras características individuais como um *“starting point”* no complexo processo de interação com o ambiente social, de onde gradual e sucessivamente se produzem mudanças, de onde emergem novas qualidades (Jason & Mathiesen, 2008; Shiner & Caspi, 2003). A visão mais moderna assume, que o temperamento na infância prepara valores iniciais

para o desenvolvimento de todo o processo de formação de personalidade, não determinando, no entanto, o seu resultado. Apesar de se exigir que um determinado traço seja estável na infância para ser considerado uma característica do temperamento, tal não implica que o traço tenha de ser constante durante o desenvolvimento da personalidade (Jason & Mathiesen, 2008). Seja como for é inegável para a comunidade científica que o estudo do temperamento, pode ajudar na compreensão da personalidade.

3. Estudo do Temperamento

A criança não nasce com as suas características temperamentais completamente desenvolvidas. Será ao longo do tempo e, através da interação entre o temperamento e experiências que a criança irá adquirindo e “construindo” o seu temperamento (Rothbart et al, 2001). Assim o estudo do temperamento envolve várias fases, variando ao longo das diferentes etapas da vida da criança, permitindo que características como a introversão e extroversão apareçam, quando antes não eram visíveis e traços, como a impulsividade vão diminuindo.

O temperamento e o seu estudo conhecem, assim, diferentes abordagens. Se, por um lado, existe na literatura uma abordagem *Dimensional* (Aksan et al., 1999; Goldsmith, Buss & Lemery, 1997) que contempla o estudo da estrutura e continuidade do temperamento, por outro, uma outra perspectiva tem emergido, a *Categorical* (Caspi & Silva, 1995; Hart, Hofmann, Edelstein & Keller, 1997). Esta abordagem procura medir características temperamentais, e encontrar tipos de temperamento. No entanto, a dificuldade pode estar na conceptualização de um número de traços tão vasto que possa comprometer a distinção de vários tipos de temperamento, que correm o risco de não serem fidedignos.

Assim, alguns autores sugerem a possibilidade do uso de diferentes características das duas abordagens como compatível, exemplo de Thomas e Chess (1977) que propõem, numa abordagem com grande relevância, a junção de características da abordagem *Categorical* (e.g., a chamada criança difícil) e da *Dimensional* (e.g., a escala de humor). O seu trabalho resultou num modelo de 9 dimensões do temperamento que conceptualiza o *como* em vez do *quê* (como habilidade e conteúdo) ou *porquê* (motivo), enfatizando que o temperamento é influenciado por fatores ambientais quer na sua expressão, quer na sua natureza à medida que o desenvolvimento ocorre. A abordagem de Thomas e Chess (1977) adota um estilo comportamentalista, enfatizando a interação.

Buss e Plomin (1975) modificaram o modelo de Thomas e Chess (1977) ao conceber o temperamento como o precursor da personalidade adulta. O seu modelo designado por abordagem *Criterial*, impõe 5 critérios de inclusão para traços do temperamento, como: (i) os traços serem hereditários, (ii) relativamente estáveis durante a infância e (iii) mantidos na idade adulta, (iv) evoluir consoante a necessidade de adaptação e (v) estarem presentes na filogenética de familiares. Deste quadro de critérios surgiram 4 dimensões, *Emocionalidade* (i.e., intensidade da emoção), *Atividade*

(i.e., quantidade de atividade motora), *Sociabilidade* (i.e., aproximação dos outros) e *Impulsividade* (rapidez vs inibição de resposta).

Outras perspetivas passam pela definição de temperamento enquanto resultado do desenvolvimento de modelos neuronais. Sistemas motivacionais e atencionais são considerados como precursores de ligações dos sistemas neuronais específicos com a maioria das dimensões do temperamento e da personalidade. Gray (1991), colocou a hipótese de três sistemas do cérebro estarem associados com o temperamento e a personalidade: “*Behavioral Inhibition System*” (BIS), “*Behavioral Approach System*” (BAS) e “*Flight-fight System*”, que se pensa estar relacionado com emoções fortes como raiva e pânico (Jason & Mathiesen, 2008).

4. Abordagens Teóricas e Instrumentos de estudo do Temperamento

Nas ciências sociais cada vez mais se tentam avaliar construtos que não podem ser medidos diretamente (Field, 2009). É o caso do temperamento, em que, estando impossibilitados de o medir de forma direta, avaliamos diferentes características que o constituem. Ao longo dos tempos, tem-se assistido a um crescente número de instrumentos, cada vez mais sofisticados e rigorosos na avaliação que fazem às características do temperamento, que contribuem para uma maior e mais completa compreensão do mesmo.

Chess e colaboradores (1963), desenvolveram o *New York Longitudinal Study* (NYLS), onde foram identificadas dimensões que incluíam: *Activity level; Mood; Approach/withdrawal; Intensity; Threshold; Rhythmicity; Distractibility; Attention Span/ Persistence e Adaptability*. Estas dimensões, foram originalmente extraídas do conteúdo de análises feitas a entrevistas com mães de bebés entre os 2 e 6 meses de idade.

Uma das críticas apontadas ao *New York Longitudinal Study* (NYLS) é, o facto das dimensões serem baseadas em dados recolhidos em bebés, o que faz com que não inclua características do temperamento que se desenvolvem na primeira infância. Ao mesmo tempo estas dimensões foram criadas para fins clínicos, não havendo, por isso, uma tentativa inicial para tornar as escalas conceptualmente independentes (Rothbart et al., 2001).

Assim, instrumentos baseados no modelo de Chess (1963), frequentemente identificam menos dimensões do temperamento do que aquelas originalmente postuladas por outros autores (Rothbart et al., 2001). Podemos, ainda, referir outros instrumentos cuja construção contém as 9 escalas de medida de Chess (1963): *Infant Temperament Questionnaire* (ITQ - Carey, 1970); *Revised Infant Temperament Questionnaire* (RITQ - Carey & McDevitt, 1978) ou *Temperament Assessment Battery* (TAB - Presley & Martin, 1994).

Buss e Plomin (1975), por outro lado, evocam critérios de aparecimento precoce e hereditariedade para criar uma lista de dimensões do temperamento que inclui: *Emotivity, Activity e Sociability* (EAS). Quando um número seletivo de itens das escalas do *New York Longitudinal Study* (NYLS) e *Emotivity, Activity, Sociability* (EAS) é combinado e administrado a uma amostra de

crianças do 1 aos 6 anos, a análise fatorial aponta para dimensões como: *Emotividade; Sensibilidade; Nível de Atividade; Atenção e Sociabilidade*, dimensões que apontam para questionários desenvolvidos por Rothbart.

O *Infant Behavior Questionnaire* (IBQ) para crianças dos 3 aos 12 meses de idade, é um desses questionários que avalia o temperamento das crianças usando 6 dimensões, *Nível de Atividade, Sorrisos/ Gargalhadas, Medo, Distress, Sensibilidade e Atividade Vocal*. O questionário recolhe informação pela observação do comportamento das crianças pelo cuidador (e.g., mãe), em rotinas diárias como o banho, horas de refeições ou a brincar.

Foi desenvolvido também o *The Early Childhood Behavior Questionnaire* (ECBQ) para crianças dos 18 aos 36 meses e o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) de Rothbart, cujas qualidades psicométricas vamos tratar neste estudo, construído na sequência da necessidade de complementar o *Toddler Behavior Assessment Questionnaire* (TBAQ), de Goldsmith (1997), criado para avaliar o temperamento em “*toddlers*” (i.e., crianças pequenas com idade entre um e 3 anos). O instrumento de Rothbart tem uma abordagem similar ao de Goldsmith, no entanto, dá maior ênfase às emoções.

Rothbart e colaboradores desenvolveram, ainda, o *The Temperament in Middle Children Questionnaire* (TMCQ), para crianças dos 7 aos 10 anos de idade, o *The Early Adolescent Temperament Questionnaire-Revised* (EATQ-R) para adolescentes até aos 15 anos e o *The Adult Temperament Questionnaire* (ATQ), para o temperamento já adulto. Foi ainda criado por Derryberry e Rothbart (1988) o *Physiological Reactivity Questionnaire* (PRQ), de onde saíram várias escalas para o *The Adult Temperament Questionnaire* (ATQ), assim como construtos adicionais do temperamento (Evans & Rothbart, 2009). Rothbart de facto oferece um vasto leque de instrumentos vasto e que abrange várias fases do desenvolvimento do ciclo vital no que toca ao temperamento.

5. A Abordagem Psicobiológica de Rothbart

A abordagem Psicobiológica do temperamento conhece 6 princípios que guiaram o seu desenvolvimento (Cairns, 1979 cit in Rothbart & Ahadi, 1994):

1. O comportamento deve ser visto nos termos de um sistema organizado;
2. O sistema de que é parte o comportamento não é apenas um organismo. Para algumas funções, nomeadamente de comportamento social, este deve expandir-se para incluir atos de outros organismos e as relações recíprocas que com ele se formam;
3. Há a noção de continuidade no desenvolvimento, de tal forma que a organização de um dado momento providencia a base para a organização no momento seguinte. O desenvolvimento é essencialmente um processo dinâmico que promove a reorganização e adaptação ao longo do tempo;

4. A necessidade de múltiplos níveis de análise decorre da existência de que haverá sistemas interligados associados ao controlo do comportamento, desde os eventos neurobiológicos até aos sociais;

5. O comportamento deve ser visto em termos da organização da qual faz parte. O que parece ser a mesma atividade em diferentes momentos ou espécies diferentes pode ser semelhante apenas ao nível de propriedades superficiais;

6. O organismo está continuamente ativo e vai-se adaptando ao longo do curso do seu desenvolvimento.

Muitos destes princípios foram centrais, apesar de utilizados de forma implícita, para a constituição de concepções da personalidade. Mas como se aplicam estes princípios nos construtos do temperamento?

O princípio 1, é trazido pela evidência das neurociências em como as diferenças individuais são parte do funcionamento de um organismo (Rothbart & Ahadi, 1994). Ao mesmo tempo que as funções do temperamento no contexto social influenciam e são influenciadas por outras pessoas (princípio 2). Já, o princípio 4 aparece desde o tempo dos teóricos greco-romanos que olhavam o temperamento a diferentes níveis. Atualmente são feitas ligações entre dimensões do temperamento e o sistema nervoso (e.g., extroversão e sistemas de excitação).

Assim, com base nestes princípios e em toda a abordagem Psicobiológica, o temperamento, com Rothbart, passa a ser visto como *constitucionalmente* baseado em diferenças individuais na *reatividade* e *autorregulação*. Três conceitos devem ser retirados desta definição de temperamento, são eles o constitucional, reatividade e autorregulação. *Constitucional* refere-se a tudo que compõe o indivíduo enquanto ser biológico, “tábua rasa”, sem fatores de hereditariedade, maturação e experiência. *Reatividade* é vista como excitação e responsividade, sendo a *autorregulação*, aquilo que modela a *reatividade*. Este conceito de temperamento difere do de Thomas e Chess, na medida em que o temperamento é visto por estes como a expressão de uma disposição a um contexto em específico, ao passo que Rothbart fala de características individuais que são evidentes em todos os comportamentos do indivíduo (Else-Quest et al., 2006).

Apesar de conceptualmente ser uma abordagem Psicobiológica, a verdade é que as medidas associadas a ela envolvem questionários e observação de comportamentos, em vez de medidas de carácter biológico. Esta abordagem começou com Rothbart (1986), quando esta estudou o temperamento de crianças, desenvolvendo o *Infant Behavior Questionnaire* (IBQ), seguido mais tarde pelo *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), (Rothbart, Ahadi & Hershey, 1994).

6. O Children Behavior Questionnaire (CBQ)

O *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) foi criado para providenciar uma avaliação altamente diferenciada do temperamento em crianças dos 3 aos 7 anos de idade (Rothbart, et al.,

2001). A maioria dos questionários desenvolvidos anteriormente, sobre o temperamento, é baseada nas dimensões designadas no *New York Longitudinal Study* (NYLS) de Thomas e Chess (1977) ou nas dimensões identificadas por Buss e Plomin (1975), ou ainda numa combinação de ambos. O *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) segue uma terceira abordagem, em que os itens são gerados racionalmente para avaliar teoricamente dimensões derivadas do temperamento (Rothbart et al., 2001).

Na verdade, esta abordagem de Rothbart segue estudos anteriores e baseia-se nos de Fiske. Através da teoria disponível e aceite por Rothbart identificam-se construtos considerados centrais no temperamento como a *reatividade emocional*, *excitação* e *autorregulação*. Depois de encontrados estes construtos eles são decompostos em subconstrutos e posteriormente itens gerados para refletir esses mesmos subconstrutos. Esta construção teórica dos questionários, como a do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), permite que se cheguem a definições mais precisas, explorando todos os domínios dos construtos encontrados, sendo o mais fiel possível à teoria adotada.

O *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) foi desenvolvido para avaliar o temperamento, seguindo a abordagem e conceito de temperamento baseada na constituição com diferenças individuais na *reatividade* e na *autorregulação*. A *reatividade* refere-se à excitação dos sistemas motores, afetivos e sensoriais e a *autorregulação*, refere-se aos processos que servem para modelar (aumentar ou diminuir) a *reatividade*, incluindo o foco atencional e inibição do controlo (Rothbart et al., 2001).

Os itens do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) foram escritos tendo em conta a definição conceptual de cada escala, derivando de adaptações feitas para pré-escolares do *Infant Behavior Questionnaire* (IBQ), (Rothbart, 1986) e *Physiological Reactivity Questionnaire* (PRQ), (Derryberry & Rothbart, 1988). Foram, ainda, colhidas informações a partir de entrevistas feitas a pais. As escalas foram designadas de forma consonante com a definição de temperamento tida em conta.

Assim a escala *Nível de Atividade*, incide na atividade motora grossa, que inclui taxa e extensão da locomoção (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Parece estar sempre com muita pressa para ir de um lado para outro”). A escala *Irritação/ Frustração*, centra-se na afetividade negativa relacionada com a interrupção de tarefas em andamento e “*goal blocking*”, (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Faz birras quando não consegue o que quer”). A escala *Foco Atencional* - corresponde à dimensão *Attentional Span/Persistence* do NYLS. No que toca a estudos com adultos, as escalas *Foco Atencional* consiste na capacidade de manter a atenção em tarefas (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Quando está a realizar uma atividade tem dificuldade em manter-se concentrado”). De referir com relação a esta escala que está relacionada, sendo altamente intercorrelacionada com a escala *Mudança do Foco Atencional*. Por esta razão, nas primeiras versões do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) as duas escalas foram combinadas numa única escala, no entanto, as duas variáveis não se seguravam juntas em análises de itens. Haviam itens suficientes para a escala *Foco Atencional*, mas não para a escala *Mudança do Foco Atencional*, assim optou-se só pela primeira escala, que é incluída nas análises recentes, sendo que se encontra em processo de construção uma nova escala para a *Mudança no Foco Atencional* (Putnam & Rothbart, 2006).

A escala *Desconforto*, consiste na afetividade negativa relacionada com qualidades sensoriais de estimulação, incluindo intensidade, taxa ou complexidade de luz, movimento, som e textura (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Não fica muito incomodado com a dor”). A escala *Medo* trata a afetividade negativa, incluindo mal-estar, preocupação ou nervosismo, que está relacionado com antecipação de dor ou *distress* e/ou situações potencialmente ameaçadoras (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Tem medo de barulhos intensos”). O medo não foi identificado como uma emoção primária.

A escala *Elevada Intensidade de Prazer* está ligada ao prazer ou satisfação relacionados com situações que envolvem estímulos de intensidade alta, taxa, complexidade, novidade e incongruência (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Gosta de descer em escorregas ou de realizar outras atividades aventureiras”). Já a escala *Impulsividade* é definida como a rapidez ao iniciar uma resposta. *Impulsividade* ou comportamento de ativação, medido no contacto com pequenos objetos, mostrou ser um aspeto importante na aproximação das crianças e está incluído noutros modelos teóricos, por isso mesmo está incluído no *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Geralmente precipita-se para uma atividade sem pensar”);

A escala *Controlo Inibido*, centra-se na capacidade de planear e suprimir respostas inapropriadas sobre instruções ou em situações novas ou, ainda, incertas (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Consegue esperar por atividades novas, quando lhe é pedido para esperar”). A escala *Baixa Intensidade de Prazer* refere-se ao prazer ou satisfação relacionadas com situações que envolvem estímulos de intensidade baixa, taxa, complexidade, novidade e incongruência (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Gosta de tomar banhos quentes”).

A escala *Sensibilidade Percetiva* concentra-se na deteção de estímulos leves, de baixa intensidade do ambiente externo (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Quando toca nos objetos nota a suavidade ou aspereza”) e a escala *Aproximação/Entusiasmo* que corresponde a uma das maiores dimensões nos modelos biológicos do temperamento, refere-se à quantidade de excitação ou antecipação por expectativa de atividades que trazem prazer (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Fica tão entusiasmado (a) antes de um acontecimento empolgante que tem dificuldade em manter-se quieto (a)”).

Já a escala *Tristeza*, identificada como emoção primária. Consiste na afetividade negativa, humor e energia em baixo relacionadas com exposição a sofrimento, desapontamento, e perda (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Chora tristemente quando perde ou quando se parte um dos seus bonecos preferidos”) e escala *Timidez* que corresponde a uma faceta dos construtos de inibição comportamental de Kagan e colegas, consistindo na lenta e inibida (vs rápido) rapidez de aproximação e desconforto (vs conforto) em situações sociais (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Parece estar à vontade com quase todas as pessoas”).

Por fim a escala *Sorrisos/Gargalhadas* refere-se à afetividade positiva em resposta a mudanças na intensidade de estímulos, taxa, complexidade e incongruência (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Diverte-se com histórias engraçadas, mas não costuma rir-se delas”) e a escala *Sensibilidade/Limiar*

de Resposta, centra-se na taxa de recuperação de picos de stress, entusiasmo ou excitação (Putnam & Rothbart, 2006). (e.g., “Tem dificuldade em acalmar-se depois de uma atividade excitante”).

7. As Dimensões do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) e os “Big Five”

Quando se procedeu à análise fatorial das escalas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), as escalas organizaram-se em 3 dimensões, designadas por: *Afetividade Negativa*, *Extroversão*, já identificada em examinações estruturais do temperamento e personalidade adulta (Eysenck, 1985; Rothbart et al., 2001) e *Controlo por Esforço*. Este quadro de 3 dimensões pareceu ser a reminiscência de 3 dos “Big Five”, *Neuroticismo*, *Extroversão*, *Conscienciosidade*, *Abertura à Experiência e Amabilidade* (Digman, 1990; Goldberg, 1990; Putnam & Rothbart, 2006).

Afetividade Negativa é conceptualmente similar ao *Neuroticismo*, que inclui facetas como ansiedade, depressão, impulsividade ou vulnerabilidade e emocionalidade negativa encontrada nos quadros de investigação sobre a estrutura da personalidade na infância. A *Extroversão* é similar à homónima *Extroversão* dos “Big Five”, que inclui assertividade, atividade, emoções positivas e de forma desenvolvimental o *Controlo por Esforço* pode estar relacionado com a *Conscienciosidade*, (Rothbart & Ahadi, 1994) que envolve ordem, autodisciplina, deliberação.

8. Versão “Standard” do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ)

A versão “Standard” do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) consiste em 195 itens que avaliam as 15 escalas já descritas, cada uma delas composta por 12 a 14 itens, sendo utilizada frequentemente em estudos sobre a influência da genética e ambiente no temperamento (Goldsmith, 1997; Putnam & Rothbart, 2006), nas mudanças e consistência do temperamento ao longo do tempo (Murphy, Eisenberg, Fabes, Shepard & Guthrie, 1999; Tomlinson, Harbaugh & Anderson, 1996 cit in Putnam & Rothbart, 2006), assim como no estudo de diferenças estruturais do temperamento em diversas culturas (Ahadi, Rothbart, & Ye, 1993). Demorando aproximadamente 1 hora a preencher pelo cuidador.

9. Versões “Short” e “Very Short” do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ)

A criação destas duas versões possibilita uma maior flexibilidade na escolha do instrumento que seja compatível com as necessidades do investigador. As versões “Short” e “Very Short” do instrumento, nomeadamente, foram construídas por forma a proporcionar uma alternativa ao investigador que por questões de limitação de tempo ou espaço, ou mesmo do próprio tipo de estudo (e.g., estudo multivariado) a versão “Standard” não é a tão adequada (Putnam & Rothbart, 2006).

Mais concretamente, a versão “Very Short” foi criada especificamente para que os investigadores consigam obter resultados com eficiência para as 3 dimensões. Podendo ser útil para

investigadores cujos interesses principais recaem sobre uma área que não o temperamento, isto é facilmente pode ser incluída numa bateria de instrumentos, já que o seu preenchimento pode estar concluído em menos de 15 minutos.

Já a versão “*Short*” foi desenvolvida para se aproximar das escalas e não do quadro de 3 dimensões, é apropriada para investigadores com pouco tempo para administrar a versão “*Standard*”. Dado que tem menos de metade dos itens da versão “*Standard*”, o seu preenchimento demora cerca de 30 minutos. Esta alternativa mantém as características das escalas da versão “*Standard*”, reduzindo o tempo e energia dispendidos pelos participantes.

II. Estudo Empírico

Tendo em conta a literatura referida, os objetivos deste estudo foram o traduzir e estudar das qualidades psicométricas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), versão “*Short*” (Rothbart et al., 2001), numa amostra normativa de crianças portuguesas entre os 3 e os 5 anos de idade.

1. Metodologia

1.1. Participantes

No presente estudo foi incluída uma amostra de 603 participantes, dos quais 306 (50.7%) pertenciam ao sexo feminino e 297 (49.3%) ao sexo masculino. A idade média dos participantes foi de 4.06 variando entre os 3 e 5 anos de idade e o desvio-padrão de .80.

Das várias Instituições contactadas, a maior parte aceitou o pedido de participação neste estudo. Ao todo colaboraram 16 Instituições, das quais, 6 são índole privada, o que representa 235 (39.1%) dos participantes da nossa amostra. Já de instituições públicas, são 9 o que se traduz na nossa amostra 321 (53.3%) de participantes, sendo que a vertente semipública está presente em apenas 1 das instituições, com 47 (7.6%) de participantes. Quanto à distribuição geográfica da amostra dos 603 participantes, 419 (69.5%) participantes são do distrito de Braga, 163 (27.0) participantes são do Grande Porto e 21 (3.5%) são da região de Coimbra (*cf. Tabela 1*).

Tabela 1 Caracterização da Amostra

	Participantes N=603	
	N (%)	M (DP)
Idade		4.06 (0.80)
Sexo		
Masculino	297 (49.3%)	
Feminino	306 (50.7%)	
Região		
Braga	419 (69.5%)	
Porto	163 (27.0%)	
Coimbra	21 (3.5%)	

1.2. Instrumento

O instrumento utilizado neste estudo foi o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) na sua versão para a Língua Portuguesa, elaborada por Luís Franklin, Isabel Soares, Adriana Sampaio, Orlando Santos e Manuela Veríssimo (2003).

O *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) versão “*Short*” representa uma alternativa viável, para investigadores com limitações de tempo e recursos na administração da forma “*Standard*” (195 itens), ao mesmo tempo que permite a sua integração em estudos multivariados de investigação. Composta por 94 itens, com a versão “*Short*”, tentou-se criar a possibilidade de uma alternativa que mantivesse as características da forma “*Standard*”. Estes 94 itens avaliam 15 escalas, compostas por 6 a 8 itens cada uma: a escala *Nível de Atividade* é medida pelos itens 1, 12, 18r, 22, 50r, 85 e 93r; a escala *Irritação/ Frustração* é caracterizada pelos itens 2, 14, 30, 40, 61r e 87; a escala *Aproximação/ Entusiasmo* é definida pelos itens 6, 15, 46, 58, 90r e 92r; a escala *Foco Atencional* é composta pelos itens 16r, 21r, 62, 71, 84r e 89; a escala *Desconforto* é medida pelos itens 3r, 9, 29, 49r, 64 e 91r; a escala *Sensibilidade/ Limiar de Resposta* é composta pelos itens 25r, 34r, 44, 59, 66, 75r; a escala *Medo* é medida pelos itens 17, 23, 35r, 41, 63, 68r; a escala *Elevada Intensidade de Prazer* é definida pelos itens 4, 10, 33, 69, 78r e 88; a escala *Impulsividade* é composta pelos itens 7, 28, 36r, 43r, 51 e 82r; a escala *Controlo Inibido* é avaliada pelos itens 38, 45, 53r, 67, 73, 81; a escala *Baixa Intensidade de Prazer* é designada pelos itens 26, 39, 57, 65, 72, 76, 86, 94; a escala *Sensibilidade Percetiva* é composta pelos itens 5, 13, 24, 32, 47, 83r; a escala *Tristeza* é medida pelos itens 8, 20, 27, 31, 54r, 56r, 74r; a escala *Timidez* é composta pelos itens 11r, 37, 42, 52, 60r e 70; finalmente a escala *Sorrisos/ Gargalhadas* é avaliada pelos itens 19r, 48r, 55, 77, 79 e 80r.

Os itens acompanhados pelo “r” apresentam uma direção contrária, ou seja, tiveram que ser recodificados e cotados inversamente, para que o 1 passasse a 7, o 2 a 6, o 3 a 5, o 4 permanecesse 4, o 5 passe a 3, o 6 a 2 e o 7 a 1, este facto permitiu que a nível prático e dada a extensão do questionário, apesar de se tratar de uma forma mais pequena, o sujeito pensar antes de responder e não naturalmente automatizar as respostas. Dado que cada item é classificado numa escala de *Likert* de 7 pontos: 1 – Muito Falsa; 2 – Bastante Falsa; 3 – Pouco Falsa; 4 – Nem verdadeira nem falsa; 5 – Pouco Verdadeira; 6 – Bastante Verdadeira; 7 – Muito Verdadeira. Há ainda uma opção de *Não Aplicável* (cotada com 0), que surgiu da necessidade de existir uma hipótese para os pais que nunca teriam observado a criança numa determinada situação que um item podia relatar.

Assim, e apesar que no estudo original não existir uma referência específica em relação a esta opção, considerou-se o *Não Aplicável* não como *missing*, mas como uma opção para o participante.

O instrumento contém, ainda um cabeçalho, onde se devem registar o código atribuído a cada criança, a idade e o género da mesma. Bem como, a data de nascimento e a data da realização da

experiência. O estudo das características psicométricas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) versão “*Short*” seguiu os procedimentos seguidos na versão original.

1.3. Procedimentos

Num primeiro contacto era pedida uma audiência prévia com o responsável da Instituição, normalmente o diretor, em que era explicado o objetivo e procedimento do estudo e entregue o consentimento informado.

Seguido a este primeiro contacto e assinatura do consentimento informado era agendada uma data de entrega dos questionários para serem preenchidos pelos Encarregados de Educação, dado um tempo para o preenchimento dos mesmos, após o qual se procedia à recolha em cada uma das Instituições e verificada a sua validade para o estudo (*cf. Tabela 2*).

Tabela 2. Distribuição dos Questionários por Região

Região	Questionários Entregues	Questionários Recolhidos	Questionários Válidos
Braga	817	755	419
Porto	300	321	163
Coimbra	73	22	21
Total	1236	1098	603

2. Resultados

Para todas as análises de dados realizadas no presente estudo foi utilizado o programa estatístico SPSS (versão 18.0), incluindo o Amos (versão 20.0), para a realização da *Análise Fatorial Confirmatória*. Num momento inicial, procedeu-se à apreciação da sensibilidade dos itens individuais através da análise das frequências absolutas e percentuais das respostas a cada item.

A análise da validade do instrumento foi realizada reproduzindo as análises fatoriais levadas a cabo por Rothbart e Fisher (Rothbart et al., 2001) na sequência do desenvolvimento do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), assim como as análises realizadas no desenvolvimento da Versão “*Short*” e “*Very Short*” (Putnam & Rothbart, 2006).

No sentido de verificar a fidelidade do instrumento, foram efetuadas análises da consistência interna para cada escala e dimensão que constituem o instrumento, através do *alpha* de Cronbach.

Os resultados do presente estudo empírico, são contrastados, passo a passo com os do estudo original.

2.1. Sensibilidade dos Itens do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ)

Foi analisada a amplitude de cada um dos 94 itens, de acordo com as respostas dadas pelos Encarregados de Educação, tendo-se verificado que, 7 itens não apresentam uma amplitude de 1 a 7. Por outras palavras em 6 itens (4, 39, 65, 77, 79 e 86) a amplitude de resposta variou entre 2 (Bastante Falsa) e 7 (Muito Verdadeira), sendo que o item 15 varia entre 3 (Pouco Falsa) e 7 (Muito Verdadeira). A amplitude destes itens encontra-se assim diminuída (*cf.* Tabela em anexo).

De uma maneira geral os itens revelaram-se sensíveis, pois todas as opções de resposta foram seleccionadas, exceção feita, aos itens referidos que podem tratar-se de itens com pouca sensibilidade para discriminar os participantes (*cf.* Tabela em anexo).

2.2. Validade de Construto do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ)

2.2.1. *Análise Fatorial Exploratória dos Itens*

A primeira análise realizada foi uma *Análise Fatorial Exploratória* aos itens para se perceber como é que estes se organizavam e no sentido de começar a avaliar a validade do construto do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ). De referir que os autores, no estudo original de validação deste instrumento, não deram este primeiro passo, optando por fazer o mesmo tipo de análises sobre as 15 escalas resultantes da organização dos 94 itens.

Os dados apresentavam características que permitiram ser submetidos a este tipo de análise (KMO=.82, Teste de Bartlett, $p < .001$). Optou-se pelo método de extração *Principal Axis Factoring* seguido de rotação *Oblimin*, “forçando” a 15 fatores a organização dos 94 itens constituintes do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ).

A diferenciação destes 15 fatores explicava 47.3% da variância, tendo-se concluído que os itens se agrupavam maioritariamente nos 2 primeiros fatores, sendo que os itens 5, 8, 17, 18, 24, 26, 41, 55, 69, 73, 74, 85 e 94 não saturavam em nenhum dos fatores, agrupando-se os restantes itens quase residualmente pelos fatores 3, 4, 6, 8, 9, 10, ficando o fator 14 composto pelo item 54. Dado que esta solução não era satisfatória, em seguida, procedeu-se a nova *Análise Fatorial Exploratória* (extração *Principal Axis Factoring*, rotação *Oblimin*), desta vez, “forçando” os itens a 3 dimensões. Apesar da distribuição dos itens ser mais equilibrada pelos 3 fatores, a verdade é que, para além de 26 itens não saturarem em nenhum fator, a distribuição dos itens não correspondia à esperada pela constituição teórica das dimensões e respetivas escalas.

2.2.2. Análise Fatorial Exploratória e Fidelidade das Escalas

Prosseguiram-se as análises, realizando-se análises fatoriais às escalas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ). Uma vez mais, estavam reunidas as condições para avançarmos para as análises (KMO variou entre .57 e .84, Teste de Bartlett, $p < .001$). Assim, tal como realizaram Putnam e Rothbart (2006), desenvolvemos uma análise factorial exploratória com recurso ao método de extracção *Principal Axis Factoring* seguido de rotação *Oblimin* para cada escala e, com o objetivo de escolher os melhores itens a reter em cada escala, considerou-se o critério de .30, como mínimo desejável para os valores de saturação (Tinsley & Tinsley, 1987). Procedeu-se também à análise da consistência interna pelo cálculo do *alpha* de Cronbach, considerado o método de análise mais adequado para escalas de tipo Likert (Cortina, 1993; Cronbach, 1988). Quando contrastados os resultados do nosso estudo e os do estudo original (cf. *Tabela 3*) foram encontradas algumas diferenças a salientar.

Assim, na escala *Nível de Atividade*, foi retirado o item 18r, ficando a escala a ser constituída por 6 itens: 1, 12, 22, 50r, 85, 93r ($\alpha=.62$). Na escala *Irritação/ Frustração*, mantiveram-se todos os itens: 2, 14, 30, 40, 61r, 87 ($\alpha=.71$). Já na escala *Aproximação/ Entusiasmo*, o item 15 e o 90r foram excluídos dadas as suas saturações. A escala ficou assim reduzida a 4 itens: 6, 46, 58 e 92r ($\alpha=.61$). No entanto, para conseguirmos aumentar a consistência da escala, analisando o “*item-total statistics*”, percebeu-se que retirando o item 92r a consistência interna subia ($\alpha=.65$), pelo que este foi excluído da escala em questão. Na escala *Foco Atencional*, o item 89 foi o único a ser retirado do estudo atual, ficando escala reduzida a 5 itens: 16, 21, 62r, 71r e 84 ($\alpha=.74$). A escala *Desconforto*, manteve-se igual: 3r, 9, 29, 49r, 64, 91r ($\alpha=.71$). Na escala *Sensibilidade/ Limiar de Resposta*, apenas o item 25r foi excluído da escala para o estudo atual, ficando esta reduzida a 5 itens: 34r, 44, 59, 66 e 75r ($\alpha=.67$). Já a escala *Medo*, mantiveram-se todos os itens: 17, 23, 35r, 41,63, 68r ($\alpha= .64$). Na escala *Elevada Intensidade de Prazer*, os itens 33 e 78r foram excluídos, ficando a escala reduzida a 4 itens: 4, 10, 69 e 88 ($\alpha=.55$). Na escala *Impulsividade*, 3 itens foram retirados: 36, 43, 82, ficando esta reduzida a 3 itens: 7, 28, e 51 ($\alpha=.60$). Na escala *Inibição de Controlo*, apenas 1 item, o 73 foi retirado da escala, ficando esta composta ainda por 5 itens: 38, 45, 53r, 67 e 81 ($\alpha=.57$). Na escala *Baixa Intensidade de Prazer*, os itens 26 e 94 foram excluídos da escala, que ficou com 6 itens: 39, 57, 65, 72, 76 e 86 ($\alpha=.77$). Na escala *Sensibilidade Percetiva*, os itens 24 e 83r foram excluídos da escala, que ficou com 4 itens: 5, 13, 32 e 47 ($\alpha=.62$). A escala *Tristeza* ficou sem 3 itens: 54, 56 e 74, ficando a escala com 4 itens: 8, 20, 27, 31 ($\alpha=.48$). A escala *Timidez* manteve todos os itens: 11r, 37, 42, 52, 60r, 70 ($\alpha=.81$). Finalmente na escala *Sorriso/ Gargalhadas*, apenas o item 55 não obteve saturação aceitável, ficando a escala com 5 itens: 19, 48, 77r, 79r e 80 ($\alpha=.65$).

Tabela 3. Resultados do estudo Actual e o de Putman e Rothbart ao nível da consistência interna

Escala	Consistência	Consistência Interna	Média de	Média de
	Interna	Putnam e Rothbart	correlação inter-	correlação inter-
	Estudo Atual	(2006)	item	item
			Estudo Atual	Putnam e Rothbart
				(2006)
Nível de Atividade	.62	.61	.22	.19
Irritação/ Frustração	.71	.71	.30	.30
Aproximação/ Entusiasmo	.61	.56	.30	.18
Foco Atencional	.74	.71	.36	.29
Desconforto	.71	.71	.29	.29
Sensibilidade/Limiar de Resposta	.67	.67	.26	.26
Medo	.64	.64	.22	.22
Elevada Intensidade de Prazer	.55	.50	.25	.15
Impulsividade	.60	.33	.33	.07
Controlo Inibido	.57	.58	.22	.19
Baixa Intensidade de Prazer	.77	.63	.43	.27
Sensibilidade Percetiva	.62	.48	.29	.16
Tristeza	.48	.38	.19	.08
Timidez	.81	.81	.42	.42
Sorrisos e Gargalhadas	.65	.63	.29	.24

Ainda que as escalas *Nível de Atividade*, *Aproximação/ Entusiasmo*, *Medo*, *Elevada Intensidade de Prazer*, *Impulsividade*, *Controlo Inibido*, *Sensibilidade Percetiva* e *Tristeza*, não apresentem valores adequados em termos de consistência interna, optámos, numa primeira fase, pela sua integração na análise fatorial para identificação da constituição das 3 dimensões à semelhança do realizado pelos autores. A tabela abaixo mostra a configuração das escalas na nossa amostra.

Tabela 4. Configuração das escalas do *Children Behavior Questionnaire (CBQ)* no presente estudo

Escalas	Estudo Atual	Putnam e Rothbart (2006)
Nível de Atividade	1/12/18r/22/50r/85/93r	1/12/18r/22/50r/85/93
Irritação/ Frustração	2/14/30/40/61R/87	2/14/30/40/61r/87
Aproximação/ Entusiasmo	6/15/46/58/90r/92r	6/15/46/58/90r/92r
Foco Atencional	16ni/21ni/62r/71r/84ni/89	16r/21r/62/71/84r/89
Desconforto	3r/9/29/49r/64/91r	3r/9/29/49r/64/91r
Sensibilidade/ Limiar de resposta	25r/34r/44/59/66/75r	25r/34r/44/59/66/75r
Medo	17/23/35r/44/63/68r	17/23/35r/41/63/68r
Elevada Intensidade de Prazer	4/10/33/69/78r/88	4/10/33/69/78r/88
Impulsividade	7/28/36r/43r/51/82r	7/28/36r/43r/51/82r
Controlo Inibido	38/45/53R/67/81	38/45/53r/67/73/81
Baixa Intensidade de Prazer	26/39/57/65/72/76/86/94	26/39/57/65/72/76/86/94
Sensibilidade Percetiva	5/13/24/32/47/83r	5/13/24/32/47/83r
Tristeza	8/20/27/31/54r/56r/74r	8/20/27/31/54r/56r/74r
Timidez	11r/37/42/52/60r/70	11r/37/42/52/60r/70
Sorrisos/ Gargalhadas	19ni/48ni/55/77r/79r/80ni	19r/48r/55/77/79/80r

* ni – não inverte

2.2.3. Análise Fatorial Confirmatória aos Itens nas Escalas

Procedeu-se, em seguida, a uma *Análise Fatorial Confirmatória* a qual possibilitou testar e validar a relação hipotética entre o construto teórico em causa e os seus indicadores assim como avaliar a magnitude das relações entre construtos (Vieira, Maia, & Coimbra, 2007).

O modelo a testar postulou que as respostas do *Children Behavior Questionnaire (CBQ)* podem ser explicadas por 15 fatores correlacionados, nomeadamente *Nível de Atividade, Irritação/ Frustração, Aproximação/ Entusiasmo, Foco Atencional, Desconforto, Sensibilidade/ Limiar de Resposta, Medo, Elevada Intensidade de Prazer, Impulsividade, Controlo Inibido, Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva, Tristeza, Timidez e Sorrisos/ Gargalhadas*, constituídas por 3 e 6 indicadores. Para uma melhor visualização do modelo proposto, apresenta-se a sua representação gráfica na figura 1.

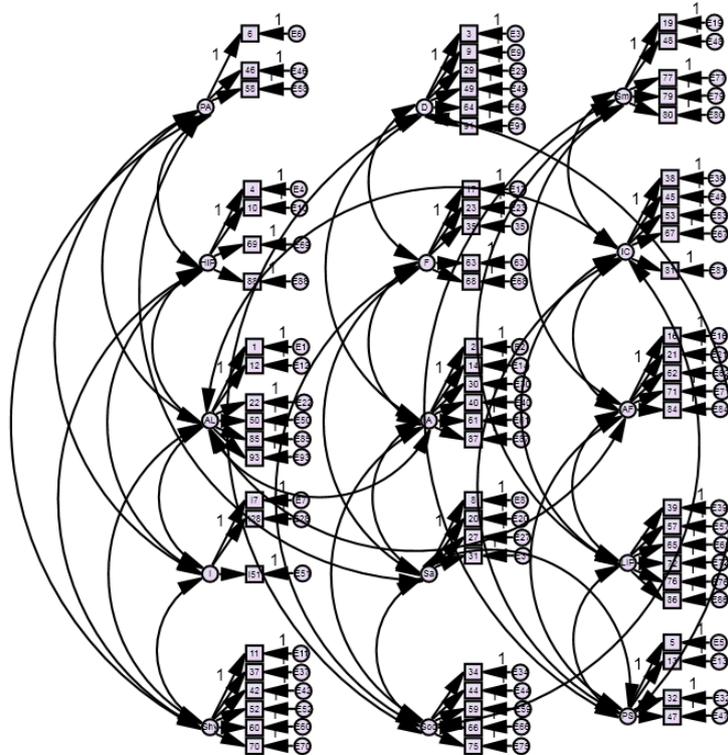


Figura 1. Representação gráfica do modelo a testar

Tal como referenciado por Viera, Maia & Coimbra (2007) na *Análise Fatorial Confirmatória* deverão ser analisados diferentes indicadores do ajustamento do modelo, especificamente o *chi-quadrado* (χ^2), *comparative fit index* (CFI) e *root mean square error of approximation* (RMSEA).

O valor do *chi-quadrado* (χ^2), permite analisar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a matriz de covariância dos dados observados (da amostra) e a matriz de covariância implícita do modelo (Viera, Maia & Coimbra, 2007). O modelo testado apresentou um valor estatisticamente significativo, $\chi^2(4120) = 8144.88, p < .001$, que apesar de indesejável pode ser explicado pela dimensão da amostra.

O valor de *comparative fit index* (CFI), sendo um índice menos sensível ao tamanho da amostra, deve ser considerado também. No nosso estudo, este, foi de .91, valor aceitável (Hu e Bentler, 1999). Outro valor que não depende da dimensão amostral nem dos graus de liberdade do modelo (Browne e Cudeck 1993) é o *root mean square error of approximation* (RMSEA), que no nosso estudo obteve um valor de .06 (cf. Tabela 5).

Tabela 5. Resultados da Análise Fatorial Confirmatória

	χ^2	df	p	RMSEA	CFI
Modelo	8144.88	4120	.00	.06	.91

2.2.4. Análise Fatorial Exploratória e Fidelidade das Dimensões

Seguindo o que foi realizado pelos autores, foi efetuada uma análise fatorial *Principal Axis Factoring* com rotação *Oblimin* às escalas, “forçando” a 3 fatores, que pretendíamos que correspondessem às 3 dimensões encontradas pelos autores do estudo original: *Afetividade Negativa* (Negative Affectivity), *Extroversão* (Extraversion) e *Controlo por Esforço* (Effortful Control).

Os resultados, apresentados pela matriz padrão fatorial, identificaram 3 fatores com “*eigenvalues*” maiores que 1, que representam as 3 dimensões designadas de *Extroversão*, *Controlo por Esforço* e *Afetividade Negativa*. Estes 3 fatores explicam 36.55% da variância. No entanto e em oposição ao encontrado por Rothbart e Putman (2006), verificamos uma maior variância explicada pela *Extroversão* (17.97%), seguindo-se o *Controlo por Esforço* (11.48%) e, por fim, a *Afetividade Negativa* com (7.1%). Ainda, nas nossas análises o primeiro fator, identificado como sendo a *Extroversão*, ficou definido pela saturação nas escalas *Nível de Atividade*, *Impulsividade*, *Elevada Intensidade de Prazer* e *Aproximação/ Entusiasmo*.

O segundo fator pareceu corresponder ao *Controlo por Esforço*, com saturação nas escalas *Foco Atencional*, *Sensibilidade Percetiva*, *Baixa Intensidade de Prazer*, *Sorrisos/Gargalhadas* e *Controlo Inibido*. O terceiro fator foi reconhecido como a *Afetividade Negativa* com saturação nas escalas *Irritação/ Frustração*, *Tristeza*, *Desconforto*, *Medo*, *Sensibilidade/Limiar de Resposta* e *Timidez* (cf. Tabela 6).

A correlação entre a *Extroversão* e o *Controlo por Esforço* foi de -.07, já a correlação da *Extroversão* com a *Afetividade Negativa* teve um valor de .16. Finalmente *Controlo por Esforço* e *Afetividade Negativa* apresentaram uma correlação de -.008.

Tabela 6. Análise Fatorial das escalas do CBQ

Escalas	Fator I Extroversão	Fator II Controlo por Esforço	Fator III Afetividade Negativa
Nível de Atividade	.769		
Impulsividade	.631		
Elevada Intensidade de Prazer	.577		
Foco Atencional	.491	-.428	
Irritação/ Frustração	.458		.348
Sensibilidade Percetiva		.606	
Baixa Intensidade de Prazer		.581	
Sorrisos e Gargalhadas		-.533	
Controlo Inibido	-.484	.503	
Aproximação/ Entusiasmo	.387	.407	
Tristeza		.310	.491
Desconforto			.471
Medo			.468
Timidez	*		.427
Sensibilidade/Limiar de Resposta		.328	-.365

Em relação ao estudo original, verificou-se que a escala *Irritação/ Frustração* saturou mais na *Extroversão* do que na *Afetividade Negativa*. Por seu turno, a escala *Foco Atencional* saturou mais na *Extroversão* do que no *Controlo por Esforço* enquanto a escala *Aproximação/ Entusiasmo* saturou mais no *Controlo por Esforço* do que na *Extroversão*. Finalmente, a escala *Timidez* saturou na *Afetividade Negativa*, e não na *Extroversão*, contrariamente ao estudo original.

A tabela 7 apresenta os coeficientes de Consistência interna para as 3 dimensões.

Tabela 7. Consistência Interna das dimensões do CBQ

Dimensões	Escalas	α
Extroversão	Nível de atividade; Impulsividade; Elevada Intensidade de Prazer; Aproximação/ Entusiasmo	.68
Controlo por Esforço	Foco Atencional (r); Sensibilidade percetiva; Baixa Intensidade de Prazer; Sorrisos e gargalhadas (r); Controlo Inibido	.69
Afetividade Negativa	Irritação/ Frustração; Tristeza; Desconforto; Medo; Timidez; Sensibilidade/ limiar de resposta (r)	.60

2.2.5. Análise Fatorial Confirmatória das Escalas nas Dimensões

Com o intuito de aprofundar a nossa investigação sobre a estrutura do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), procedeu-se a uma nova *Análise Fatorial Confirmatória*, agora para avaliar a adequação dos dados observados ao modelo hipotético de 3 dimensões. Na construção do modelo foi usada a mesma solução de 3 dimensões que se obteve nas análises anteriores.

O modelo inicial permitiu a colocação das 15 escalas nomeadamente, *Nível de Atividade, Irritação/ Frustração, Aproximação/ Entusiasmo, Foco Atencional, Desconforto, Sensibilidade/ Limiar de Resposta, Medo, Elevada Intensidade de Prazer, Impulsividade, Controlo Inibido, Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva, Tristeza, Timidez e Sorrisos/ Gargalhadas* pelas 3 dimensões (*Afetividade Negativa, Extroversão e Controlo por Esforço*) consoante os “loadings” da *Análise Fatorial Exploratória*, no entanto, procederam-se a modificações para refinar a estrutura do nosso modelo até se encontrar um “*best-fitting*”. De referir que Rothbart no estudo original (2001) passou por um processo idêntico. Para uma melhor visualização do modelo proposto, apresenta-se a sua representação gráfica na figura 2.

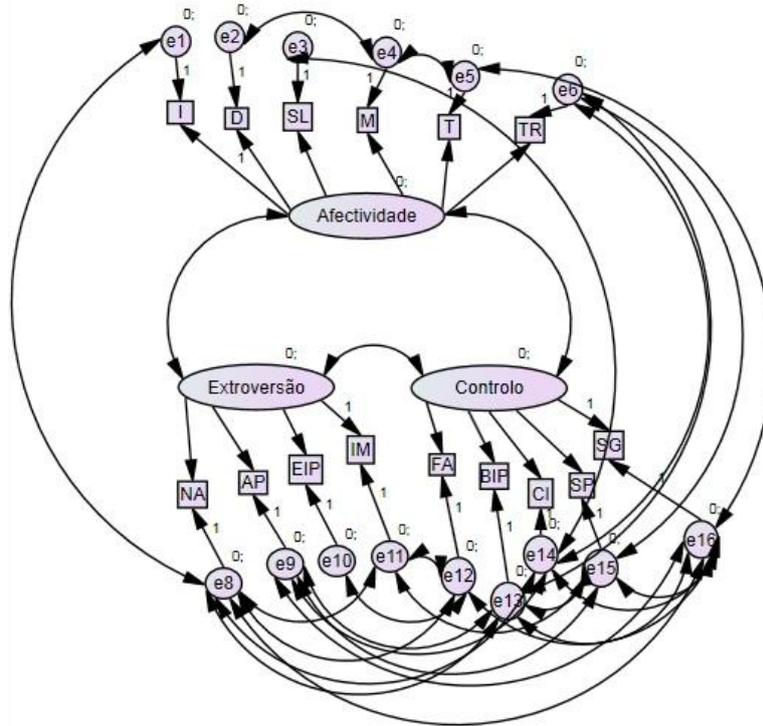


Figura 2. Representação gráfica do modelo a testar

O modelo testado apresentou um valor estatisticamente significativo, $\chi^2(61) = 218.25, p < .001$. O valor do *comparative fit index* (CFI) foi de .92, revelando uma boa adequação da amostra a este modelo. Já o valor do *root mean square error of approximation* (RMSEA) obteve o valor de .07 (cf. Tabela 8).

Tabela 8. Resultados da Análise Fatorial Confirmatória

	χ^2	df	p	RMSEA	CFI
Modelo	218.25	61	.00	.07	.92

3. Discussão

Na discussão dos resultados pretende debater-se contrastes e semelhanças dos resultados do nosso estudo e daqueles obtidos noutras investigações sobre a validade do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ). Esta revisão “*cross-cultural*” permitirá estabelecer comparações e marcar diferenças entre o nosso estudo e o estudo original de Rothbart (2001; Putman & Rothbart, 2006). Simultaneamente, pretendem-se esclarecer as nossas opções empíricas em termos da estrutura fatorial do instrumento em análise, quando os resultados não refletiram aqueles obtidos no estudo original.

Relativamente à sensibilidade dos itens, constatou-se que estes são sensíveis, sendo que apenas em 6 itens a amplitude das respostas obtidas foi reduzida. De referir, ainda, no caso do nosso estudo, a percentagem de respostas *Não Aplicável* ao item 54, que pode ser explicada pela particularidade do item (Almeida & Freire, 2001). Quando refere que a criança chora quando ouve uma história triste, na verdade, e sendo que quem respondeu ao questionário foi o cuidador da criança, podemos considerar, que respondeu *Não Aplicável*, não porque a criança não chore quando ouve uma história triste, mas porque não é habitual que a criança ouça histórias tristes que levem ao choro, principalmente na presença dos pais.

Os procedimentos estatísticos seguiram aqueles realizados no estudo original. As primeiras análises aos itens revelaram que estes não são susceptíveis de se organizarem satisfatoriamente pelas 15 escalas ou 3 dimensões do instrumento. Como este procedimento não foi realizado por Rothbart e o intuito do mesmo era somente perceber se os itens se organizavam da mesma forma que a idealizada, decidiu seguir-se para as *Análises Fatoriais Exploratórias* às escalas.

Os resultados daqui advindos traduziram, no geral, a configuração inicial de Rothbart, apesar da alteração de algumas escalas. Excluindo-se itens de escalas (i.e., 1 a 3 itens) como a *Impulsividade* ou a *Tristeza*, devido à saturação de alguns itens ser inferior a .30. Ultrapassando-se, inclusive, a limitação do tamanho da amostra, reconhecida em diversos estudos de validação do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ).

Entre os países europeus que procederam à avaliação da estrutura fatorial do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) estão, a Bélgica (Eggers et al., 2009; $N = 259$), a Holanda (Majdandži & Van Den Boom, 2007; $N=94$) e a Noruega (Nygaard et al., 2002; $N=243$), todos com amostras inferiores à do original de Rothbart (Rothbart et al., 2001; $N = 341$). O que implica a necessidade de replicação dos estudos em amostras maiores, para resultados mais seguros. Os estudos de Nygaard (2002) e de Eggers (2009) continham ainda a particularidade de, para além de incluir nas suas amostras crianças com desenvolvimento normal, avaliar crianças com Síndrome de Down, prematuras e crianças com dificuldades de dicção, isto para, reforçar a evidência da estrutura subjacente ao temperamento, mesmo em crianças com dificuldades.

Um estudo que ultrapassa esta limitação é holandês (Sleddens et al., 2011), com uma amostra ($N = 353$) similar à de Rothbart. Esta limitação, no entanto, não impede a apresentação de uma estrutura do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) similar aos resultados obtidos nos Estados Unidos, esta, é, aliás, consistente nos vários estudos realizados em populações de diferentes etnias e culturas (e.g., América, Ásia, Europa) no entanto, também nestes estudos, encontramos algumas dissimilaridades.

Quanto à questão da consistência interna das escalas, os nossos resultados (α varia entre .48 e .81) foram semelhantes aos de Putman e Rothbart (2006), (α varia entre .38 e .81). Estes valores no *alpha* podem refletir o número reduzido de itens que integram algumas das escalas, por exemplo a escala *Tristeza* cujo valor da consistência interna se fixa no mais baixo de todos ($\alpha=.48$), correspondendo também a uma escala reduzida a 4 itens.

Fazendo uma revisão a outros estudos, constatamos que para a amostra do Norte da América, com crianças de 6 e 7 anos de idade, na validação da versão “*Standard*” (Rothbart et al., 2001), os valores do *alpha* de Cronbach variaram entre .67 a .92. Valores de consistência interna similares foram encontrados noutras amostras dos Estados Unidos (e.g., Kochanska, 1994). No entanto, estudos em países asiáticos (Ahadi et al., 1993; Kusanagi, 1993), obtiveram *alphas* entre um intervalo inicial mais baixo (e.g., Estudo chinês .43 a .85 e Estudo japonês .54 a .93);, podendo afirmar-se que certas escalas foram consideradas pouco seguras.

De referir, também, o estudo Alemão (Bergh & Ackx, 2003) em que a consistência interna obtida nas escalas foi considerada adequada, apesar dos valores de 4 escalas serem considerados menos fiáveis. E a versão polaca (Olaf, 2002) em que a fiabilidade, testada pelo *alpha* de Cronbach foi, na generalidade, mais baixa do que aquela encontrada na amostra americana.

No que concerne à consistência interna das dimensões, os *alphas* do nosso estudo apresentaram valores baixos em contraste com o estudo original: *Extroversão* ($\alpha=.75$), a *Afetividade Negativa* ($\alpha=.72$) e o *Controlo por Esforço* ($\alpha=.74$). Recentemente o estudo holandês (Sleddens et al., 2011) revelou valores de consistência interna também eles elevados: *Afetividade Negativa* ($\alpha=.72$), *Extroversão* ($\alpha=.76$) e *Controlo por Esforço* ($\alpha=.72$). Tentou-se avaliar a possibilidade de retirar itens para conseguir aumentar a consistência interna, o que não se demonstrou viável.

Explicações possíveis para estes resultados podem residir em diferenças culturais ao nível do temperamento, bem como em problemas na tradução das palavras originais que podem gerar diferentes significados. Ao mesmo tempo, o facto dos nossos resultados terem esta configuração pode dever-se à idade das crianças, a nossa amostra era composta por crianças mais novas que a amostra americana (i.e., 6 e 7 anos de idade) ou holandesa (i.e., 6 a 8 anos de idade), o que coloca a hipótese de muitos dos traços de temperamento abordados no *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) ainda não serem consistentes, ou observados pelos pais, devido à sua baixa frequência.

Em suma, a fidelidade no cálculo da consistência interna, foi uma das análises que demonstrou obter valores mais baixos, tanto nos estudos realizados nas escalas como naqueles realizados nas

dimensões. No entanto, como a fidelidade não é uma característica das escalas ou dimensões por si só, mas sim uma propriedade dos dados, pode oscilar consoante características da amostra (Gruonlund & Linn, 1990; Thompson, 1994), justificando-se, provavelmente, alguns resultados menos elevados.

No que respeita às dimensões e à *Análise Fatorial Exploratória* das mesmas, no nosso estudo a solução fatorial é relativamente similar à de Rothbart, havendo, no entanto, algumas diferenças que foram destacadas nos resultados e que passaremos a discutir. Antes, no entanto, um pequeno apontamento sobre a estrutura, no que concerne a saturações das dimensões, os nossos resultados diferem dos de Rothbart, assim como noutros estudos. O estudo alemão (Bergh & Ackx, 2003), em que se verificou que a dimensão *Controlo por Esforço* pontuou mais que no original, possivelmente refletindo mudanças desenvolvimentais no sistema de autorregulação, assumindo-se a necessidade de mais estudos de validação. Há também a versão polaca (Olaf, 2002) do instrumento que apresenta mais uma vez as 3 dimensões, similar à solução fatorial americana e chinesa.

A nossa estrutura é, então, similar apesar de diferentes saturações nas dimensões o que pode ser explicado por diferenças desenvolvimentais no sistema de reatividade e autorregulação. Relativamente às diferenças, passamos a discuti-las. A escala *Irritação/Frustração* é uma escala que satura em 2 dimensões, com saturações primárias na *Extroversão* e secundárias na *Afetividade Negativa*. Os valores de saturação são muito próximos, permitindo colocar a escala *Irritação/ Frustração* na *Afetividade Negativa* para espelhar o original, até porque faz mais sentido teórico que a *Irritação* fique na dimensão da *Afetividade Negativa*, neuroticismo, hostilidade.

Na amostra japonesa e na americana houve um resultado surpreendente quando a escala *Sorriso/Gargalhadas* saturou na dimensão *Controlo por Esforço*, quando faria mais sentido que esta saturasse com outras escalas de afetos positivos que se encontram na *Extroversão*. Os autores justificaram este resultado apoiando-se em questões culturais, especulando que em países onde se promova a expressão de afetos positivos, a escala *Sorriso/Gargalhadas* sature também no *Controlo por Esforço*. Ao mesmo tempo que consideraram a possibilidade dos sistemas de alerta que estão envolvidos no sorrir e nas gargalhadas poderem também estar envolvidos nos processos executivos da atenção (Ahadi et al., 1993; Rothbart et al., 2001).

Olhando para o nosso estudo, e referindo-nos à escala de afetos negativos (*Irritação/Frustração*) como ficar zangado, podemos explicar os resultados na mesma medida mas com outro teor. Isto é, pode existir maior tendência para as crianças portuguesas desenvolverem competências para exprimir mal-estar/ irritação, o que pode ser resultado de uma aprendizagem por modelagem dos pais, ou por outro lado ser reflexo da particularidade das afirmações dos itens. Se repararmos nos itens do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) referentes à escala *Irritação/Frustração*, estes referem-se a tarefas ou rotinas diárias menos agradáveis para criança, sendo que a forma como demonstram o seu descontentamento tem grande expressão.

Outra das escalas que teve saturação diferente daquela do estudo original foi a do *Foco Atencional*, com resultados mais fortes na *Extroversão* do que no *Controlo por Esforço*. Mais uma vez

como os valores de saturação são muito próximos, isto permite colocar a escala *Foco Atencional* na dimensão *Controlo por Esforço*, não só do ponto de vista teórico, mas também por reproduzirem o original. O estudo holandês (Sleddens et al., 2011) obteve também valores de saturação primários na *Extroversão* (-.45) e secundários no *Controlo por Esforço* (.31), tendo sido tomada a mesma decisão, optando por manter a escala *Foco Atencional* na dimensão *Controlo por Esforço*.

Já a escala *Aproximação/Entusiasmo* satura mais no *Controlo por Esforço* do que na *Extroversão*, como os valores de saturação foram muito próximos, permitiram colocar a escala *Aproximação/ Entusiasmo* na *Extroversão* pelos motivos apresentados anteriormente para as outras escalas. No original, esta escala teve saturação moderada nas 3 dimensões, sendo que a saturação mais forte foi na *Afetividade Negativa*. Uma possibilidade para este resultado pode estar no facto de existirem expectativas elevadas acerca de um dado resultado, que ao serem frustradas podem levar a insatisfação (Rothbart et al., 2001).

No nosso estudo, a escala em vez de saturar mais forte na *Afetividade Negativa*, satura primariamente no *Controlo por Esforço*, o que pode ser explicado na mesma medida que Rothbart propõe mas numa perspetiva diferente. Quando as expectativas são moderadas em relação ao resultado, ou seja, a criança não cria elevadas expectativas, é conscienciosa, ou de alguma forma mais contida, havendo um maior controlo por esforço do seu entusiasmo, explicando melhor o nosso resultado nesta escala.

No entanto, Rothbart e colaboradores colocaram a escala *Aproximação/ Entusiasmo* como sendo parte da dimensão *Extroversão* pois, para além de teoricamente ser a mais adequada e saturar mais forte na *Afetividade Negativa* (.48), satura de forma secundária muito próximo na *Extroversão* (.46). Na *Análise Fatorial Confirmatória* que Rothbart desenvolveu confirmou-se, a estrutura inicial proposta, isto é, a escala *Aproximação/ Entusiasmo* como pertencente à dimensão *Extroversão*.

Um dos resultados mais interessantes do nosso estudo, foi, no entanto, a *Análise Fatorial Exploratória* revelar a saturação da escala *Timidez* na dimensão *Afetividade Negativa* em vez de, como no original, na *Extroversão*. Este resultado também se verifica no recente estudo holandês (Sleddens et al., 2011), com uma diferença, a saturação apesar de ser mais forte na *Afetividade Negativa* (-. 47), acontece também na *Extroversão* (-. 31). O mesmo resultado repete-se noutra análise fatorial deste estudo feita na forma “*Very Short*”, onde se concluiu que a escala *Timidez* é mais adequada onde satura mais vezes, ou seja, na *Afetividade Negativa*, evidenciando a necessidade de mais estudos para conclusões efetivas.

A possibilidade de manter a escala *Timidez* na *Afetividade Negativa* no nosso estudo é então colocada, havendo argumentos de ordem prática e de conceptualização teórica que possam suportar esta opção. Quanto ao uso prático, podemos começar por referir que num estudo de Aksan (Aksan et al., 1999) sobre a tipologia do temperamento em crianças com 3 anos, posteriormente replicado em crianças com 4 anos, foram examinadas características do temperamento tendo em conta emoções negativas e positivas e domínios do controlo quer da atenção, quer do comportamento. O estudo

pretendia perceber se a partir de comportamentos típicos da infância era possível diferenciar tipos de temperamento no seu início de formação. E se as categorias do temperamento encontradas poderiam derivar de dimensões conseguidas a partir de escalas representativas desses comportamentos.

Entre outros, foram usadas 8 escalas do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) de Rothbart (Rothbart & Ahadi, 1994) para avaliar características do temperamento de crianças dos 3 e 4 anos de idade, sendo que se criaram 3 dimensões do temperamento que incluíam *Emocionalidade Negativa* (irritação, medo, timidez e tristeza), *Emocionalidade Positiva* (aproximação e nível de atividade) e *Regulação da Atenção e Comportamento* (foco atencional e inibição do controlo). Assim concluímos que neste estudo a *Timidez* é colocada como *Afetividade Negativa*, sendo que as dimensões que a acompanham, também fazem parte da dimensão *Afetividade Negativa* do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ). Ao mesmo tempo podemos denotar que as 2 dimensões referidas como *Emocionalidade Positiva* fazem parte da dimensão *Extroversão* das dimensões do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) onde originalmente deveria estar a escala *Timidez*.

Rothbart e colaboradores (Rothbart et al., 2001) no seguimento de várias conclusões em diferentes estudos sobre o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), propuseram uma terminologia para os 3 traços principais: a *Emocionalidade Negativa* que se refere à irritabilidade, humor negativo, reações negativas de intensidade elevada, diferenciando *distress em relação limitações* (e.g., irritável e zangado) e *distress decorrente da novidade* (medo e timidez); a *Extroversão* que inclui afeto positivo, nível de atividade, sendo definida por escalas como a de aproximação e de intensidade de prazer elevada; e, finalmente, *Controlo por Esforço/ Persistência na Tarefa*, com 2 sub-componentes, controlo da atenção (persistência/ não distração) e emoções (a capacidade de inibir um comportamento quando necessário), mais uma vez a timidez é associada à emocionalidade negativa.

Por outro lado, Buss e Plomin (1975) propõem um modelo multidimensional, operacionalizado no *Emotivity, Activity e Sociability* (EAS), em que as 4 dimensões incluem: (i) *Emoção*, ou tendência para ficar em excitação de forma fácil e intensa, o que remete para irritabilidade e *distress*, uma das dimensões de emoção negativa; (ii) *Timidez*, ou tendência para se sentir inibido ou estranho socialmente e corresponde a medo e *distress*, outra dimensão de emoção negativa; (iii) *Sociabilidade* que remete para a tendência de preferir a presença do outro à solidão e que corresponde à dimensão da *Extroversão*; (iv) *Nível de Atividade* que se refere aos níveis de atividade e rapidez de ação, que corresponde a outra dimensão da *Extroversão* (Jason & Mathiesen, 2008). Neste caso, a *Timidez* ganha um lugar de topo como dimensão associada a medo e *distress*, em oposição à dimensão *Extroversão*.

No que toca a um ponto de vista de conceção teórica, encontramos o modelo *Dimensional* onde a *Emocionalidade Negativa* tem mostrado ser possível prever problemas de elevada externalização e/ou elevada internalização (Jason & Mathiesen, 2008), sendo que a timidez se tem revelado uma característica de previsão de problemas como a ansiedade, que é um dos traços do *Neuroticismo* que, como já vimos, é similar à *Afetividade Negativa*.

Capaldi e Rothbart (1992), desenvolveram 2 estudos usando uma medida do temperamento para o período inicial da adolescência, o *The Early Adolescent Temperament Questionnaire* (EATQ). Usando processos que consideravam como papéis centrais na estrutura humana: *Excitação*, *Emoção* e *Autorregulação*, designaram escalas que avaliassem certos aspetos de cada um deles. No caso da *Emoção Negativa*, 4 escalas foram tidas em conta: o medo, a irritabilidade, a timidez e a tristeza.

Ainda dentro desta ideia de 3 construtos do temperamento e mais concretamente em relação à emoção, Derryberry e Rothbart (1988) distinguiram aqueles que são extrovertidos como sendo mais sensíveis a sinais de recompensa e não de castigo, mais suscetíveis a emoções de esperança e alívio, demonstrando um comportamento caracterizado pela impulsividade, que se encontra na *Extroversão*. Contrariamente, os introvertidos, parecem ser mais sensíveis a sinais de castigo e não de recompensa, apresentam maior frustração e medo, que são escalas da *Afetividade Negativa*, tendo um comportamento caracterizado pela ansiedade. A tristeza, em investigação sobre o temperamento adolescente, parece estar altamente correlacionada com a timidez, estar triste pode ser encarado como um estado interior do adolescente com pouca capacidade para se exprimir afetivamente, tornando impossível para o outro reconhecer esta tristeza (Capaldi & Rothbart, 1992).

Os indivíduos extrovertidos são mais vivos, energéticos, entusiastas, amistosos, sociáveis e gravitam em torno de atividades que capitalizem estas características (McAdams, 2002). Aceitam acontecimentos externos, estão abertos a ser influenciados e influenciar, sentem necessidade de se juntar e cultivar amizades. Pelo contrário, os introvertidos têm tendência para se afastar da sociedade, não se relacionar, estarem no seu mundo, o seu melhor trabalho é aquele feito por si mesmo, pelos seus próprios meios, iniciativa e maneira, o entusiasmo geral não os convence, até pode provocar um efeito contrário de maior recolhimento em si mesmo (McAdams, 2002).

E porque o conhecimento deve ser eclético pretendeu-se fazer uma pequena revisão a outras conceções que ajudem a completar este suporte teórico, respeitando a construção cognitivo-comportamental do questionário, sem, no entanto, o relativizar a uma única visão. Assim, Jung visionava a extroversão e introversão como dois pólos opostos, não concebendo a existência de continuidade ou meio-termo como Eysenck (1985). Se considerarmos a visão de Jung, onde está o introvertido não pode estar o seu oposto, assim a escala da *Timidez* ganha sentido teórico na *Afetividade Negativa*, onde, inclusive está o medo muito ligado à timidez ou à frustração. E na dimensão da *Extroversão* estão a afetividade positiva, de aproximação, nível de atividade, impulsividade (McAdams, 2002).

Justificar a escala *Timidez* na dimensão *Extroversão* é fácil se olharmos para a timidez como continuidade até à extroversão, ou a timidez dentro da extroversão como ponto oposto à emoção positiva. Mas também é possível justificar a escala *Timidez* na dimensão *Afetividade Negativa*, como já vimos, porque ela se correlaciona com todas as outras escalas desta dimensão e pode ser encarada como parte das emoções negativas. De facto, a escala da *Timidez* em amostras de participantes mais

velhos satura na dimensão das emoções negativas que incluem as escalas reconhecidas para a *Afetividade Negativa* (Rothbart et al., 2001).

Por fim, de referir os resultados nas *Análises Fatoriais Confirmatórias*. Quanto à *Análise Fatorial Confirmatória* dos itens nas escalas, o modelo inicial foi construído segundo os resultados obtidos nas *Análises Fatoriais Exploratórias* anteriores. Inicialmente o modelo não tinha um ajustamento adequado, sendo que a partir das análises do Amos e mediante os índices de modificação, foi possível chegar a um modelo mais ajustado.

A *Análise Fatorial Confirmatória* das escalas às dimensões realizou-se, conforme o estudo original, à amostra utilizada nas *Análises Fatoriais Exploratórias* e mediante a estrutura nelas identificada. O modelo inicial assim como o da análise aos itens nas escalas não se revelou adequado, necessitando de correlações adicionais denotadas pelos índices de modificação calculados pelo Amos. Estes índices possibilitaram o identificar de uma melhor adequação do modelo aos dados, percebida pelos índices de qualidade de ajustamento considerados.

Rothbart realizou *Análises Fatoriais Confirmatórias* apenas nas amostras para a versão “*Standard*” e versão “*Very Short*”, cujas crianças tinham 4 e 5 anos de idade e 6 e 7 anos de idade, mediante o modelo de 3 dimensões, sendo segundo estas análises que podemos contrastar os nossos resultados. Os índices de ajustamento referidos por Rothbart e também consultados por nós, foram o *comparative fit index* (CFI), cujo valor obtido foi de .98 na versão “*Standard*” e .99 na versão “*Very Short*”, valores mais elevados do que aqueles obtidos no nosso estudo (.92), no entanto, a regra para este valor é que deve ser superior a .90 (Hu & Bentler, 1999), assim o nosso valor é aceitável. O *root mean square error of approximation* (RMSEA) teve um valor mais elevado no nosso estudo (.07), que no estudo de Rothbart versão “*Very Short*” teve o valor de .049, ambos os valores dentro do aceitável .05 e .08 (Browne & Cudeck, 1993). Em suma os modelos tanto das 15 escalas como das 3 dimensões são adequados sendo que os índices de ajustamento global dos modelos fatoriais foram satisfatórios.

Conclusão

O *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) pretende ser um instrumento para avaliação do temperamento, nomeadamente relativo à reatividade e autorregulação, de crianças dos 3 aos 7 anos de idade. O nosso estudo pretendeu investigar e avaliar as qualidades psicométricas do mesmo, permitindo a adaptação da versão “*Short*” para a população portuguesa. Daqui concluímos que este instrumento tem inúmeras potencialidades, como o facto de disponibilizar diferentes versões conforme as necessidades do investigador, sendo o seu uso cada vez mais usual na investigação quer do temperamento, quer de outras vertentes que envolvam o seu estudo.

Simultaneamente, o facto de ser construído sobre uma base teórica, permitiu uma grande acuidade com o construto do temperamento. É no facto da construção das escalas ter um *ground* unicamente teórico que o questionário se torna o mais fidedigno possível àquilo que pretende medir, exigindo, no entanto, uma avaliação psicométrica, de maior complexidade. A própria validação do construto, consideramos, foi positiva, pelas análises à estrutura do *Children Behavior Questionnaire* (CBQ), apesar dos valores da fidelidade serem como no original considerados um pouco baixos, necessitando, no futuro, o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) de maior investigação e revisão que permita o aumento desta (Rothbart et al., 2001).

No que toca a limitações do nosso estudo, podemos enumerar a possibilidade de respostas aleatórias pois, apesar de se tratar da versão “*Short*”, o questionário contém bastantes itens e alguns pais podem ao longo do questionário ir desmotivando e começar a dar respostas com menos precisão, concentração e vontade, o que pode contribuir para resultados menos fiáveis.

Compreender este questionário, a forma como foi construído, como foi traduzido, aquilo que o compõe para o avaliar, para o analisar traduziu-se em mais um contributo para esta área. E nas palavras de Carla Martins “...Uma investigação vale pela sua robustez metodológica (...) é a qualidade das suas hipóteses de investigação e respetiva adequação ao enquadramento teórico, (...) é o rigor dos procedimentos de avaliação, a seriedade com que foram recolhidos os dados, é o cuidado com que foi construída a base de dados, é a segurança e a precisão na tomada de decisões no que toca à análise de dados, é a redação clara e rigorosa dos resultados obtidos” (2011, p. 243), foi segundo estas diretrizes que tentamos levar o nosso estudo.

Com relação ao futuro e, para finalizar, é de referir que esperamos que o nosso estudo de validação sirva para incentivar o uso deste instrumento o mais largamente possível e em toda a sua amplitude e potencialidades. Sendo que a generalização dos nossos resultados, tendo em conta a estrutura fatorial do temperamento para crianças com 6 e 7 anos de idade não é possível, abrindo a hipótese de, no futuro, o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) ser administrado a amostras de crianças mais velhas dentro das idades consideradas para o instrumento, assim como o estudo das qualidades psicométricas da versão “*Standard*” e “*Very Short*”.

Referências

- Ahadi, S., Rothbart, M., & Ye, R. (1993). Children's temperament in the US and China: Similarities and differences. *European Journal of Personality*, 7(5), 359-378.
- Aksan, N., Goldsmith, H., Smider, N., Essex, M., Clark, R., Hyde, J., et al. (1999). Derivation and prediction of temperamental types among preschoolers. *Developmental Psychology*, 35(4), 958-971.
- Allport, G. W. (1961). Pattern and growth in personality.
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (5.^a ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Bentler, P., & Bonett, D. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88 (3), 588-606.
- Bergh, B., & Ackx, M. (2003). A Dutch version of Rothbart's Children's Behavior Questionnaire. Internal Consistency and Threefactor-model of the Scales. *Kind en Adolescent*, 24(2), 77-84.
- Bernan, L., & Calkins, S. (2008). Temperament and Externalizing Behavior: Social Preference and Perceived Acceptance as Protective Factors. *Developmental Psychology*, 44(4), 957 - 968.
- Browne, M., & Cudeck, R. (1993). *Alternative ways of assessing model*. Newbury Park: Sage.
- Buss, A., & Plomin, R. (1975). *A temperament theory of personality development*. New York: Wiley.
- *Cairns, R. (1979). *Social development: The origins and plasticity of interchanges*. San Francisco: Freeman.
- Calkins, S., & Degnan, K. (2006). Temperament in early development. In Hersen, M. & Thomas, J. (Eds.) *Comprehensive handbook of personality and psychopathology* (Vol. 3, pp. 64–84), New Jersey: Wiley.
- Capaldi, D., & Rothbart, M. (1992). Development and validation of an early adolescent temperament measure. *The Journal of Early Adolescence*, 12(2), 153.
- *Carey, W. (1970). A simplified method for measuring infant temperament. *Journal of Pediatrics*, 77, 188-194.
- *Carey, W., & McDevitt, S. (1978). Revision of the Infant Temperament Questionnaire. *Journal of Pediatrics*, 61, 735-739.
- Caspi, A., & Silva, P. (1995). Temperamental qualities at age three predict personality traits in young adulthood: longitudinal evidence from a birth cohort. *Child Development*, 66(2), 486-498.
- Chess, S., Thomas, A., Rutter, M., & Birch, H. (1963). Interaction of temperament and environment in the production of behavioral disturbances in children. *Am Journal Psychiatry*, 120, 142-148.
- Cortina, J. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, 78(1), 98.

- Cronbach, L. (1988). Five perspectives on validity argument. *Test validity*, 3-17.
- Derryberry, D., & Rothbart, M. (1988). Arousal, affect, and attention as components of temperament. *Journal Personality Social Psychology*, 55(6), 958-966.
- *Devellis, R. (1991). *Scale Development. Theory and Applications*. London: Sage
- Digman, J. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual review of Psychology*, 41(1), 417-440.
- Eggers, K., De Nil, L., & Van den Bergh, B. (2009). Factorial temperament structure in stuttering, voice-disordered, and typically developing children. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 52(6), 1610.
- Else-Quest, N., Hyde, J., Goldsmith, H., & Van Hulle, C. (2006). Gender differences in temperament: a meta-analysis. *Psychology Bull*, 132(1), 33-72.
- Evans, D., & Rothbart, M. (2009). A Two-Factor Model of Temperament. *Personal and Individual Differences*, 47(6), 565-570.
- Eysenck, H. (1985). *Eysenck and Eysenck (1985) Personality and individual differences: A natural science approach*: Plenum Press (New York).
- Field, A. P. (2009). *Discovering statistics using SPSS:(and sex and drugs and rock'n'roll)*: SAGE publications Ltd.
- Goldberg, L. (1990). An alternative" description of personality": The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216.
- Goldsmith, H., Buss, K., & Lemery, K. (1997). Toddler and childhood temperament: expanded content, stronger genetic evidence, new evidence for the importance of environment. *Developmental Psychology*, 33(6), 891-905.
- Gray, J. (1991). The Neuropsychology of Temperament. In J. Strelau & A. Angleitner (Eds.), *Explorations in temperament: International perspectives in theory and measurement* (Vol. 3, pp. 105-128). New York: Plenum.
- Gruonlund, N., & Linn, R. (1990). *Measurement and Evaluation in Teaching* (6th ed.). New York: Macmillan.
- Hart, D., Hofmann, V., Edelstein, W., & Keller, M. (1997). The relation of childhood personality types to adolescent behavior and development: a longitudinal study of Icelandic children. *Developmental Psychology*, 33(2), 195-205.
- Hu, L., & Bentler, P. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling* (6), 1-55.
- Jason, H., & Mathiesen, K. (2008). Temperament Profiles From Infancy to Middle Childhood: Development and Associations With Behavior Problems. *Developmental Psychology*, 44(5), 1314 - 1328.

- Kochanska, G., De Vet, K., Goldman, M., Murray, K., & Putnam, S. (1994). Maternal reports of conscience development and temperament in young children. *Child Development*, 65 (3) 852-868.
- Kusanagi, E. (1993). A psychometric examination of the Children's Behavior Questionnaire (Vol. 15). Sapporo: Hokkaido University, Faculty of Education, Research and Clinical Center for Child Development.
- Majdandži, M., & Van Den Boom, D. (2007). Multimethod longitudinal assessment of temperament in early childhood. *Journal of Personality*, 75(1), 121-168.
- Martins, C., & (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (1.^a ed.). Braga.
- McAdams, D. (2002). *The Person: An Integrated Introduction to Personality Psychology* (3rd ed.). America.
- Muris, P., & Ollendick, T. H. (2005). The role of temperament in the etiology of child psychopathology. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 8(4), 271-289.
- *Murphy, B., Eisenberg, N., Fabes, R., Shepard, S., & Guthrie, I. (1999). Consistency and change in children's emotionality and regulation: A longitudinal study. *Merrill-Palmer Quarterly*, 45, 413-444.
- Nyaard, E., Smith, L., & Torgersen, A. (2002). Temperament in children with Down syndrome and in prematurely born children. *Scandinavian Journal of Psychology*, 43 (1) 61-71.
- Olaf, Z. (2002). M. Rothbart's Children's Behavior Questionnaire. *Studia Psychologiczne*, 40(2), 185-199.
- *Presley, R., & Martin, R. (1994). Toward a structure of preschool temperament: Factor structure of the Temperament Assessment Battery for Children. *Journal of Personality*, 62, 415-448.
- Putnam, S., & Rothbart, M. (2006). Development of short and very short forms of the Children's Behavior Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 87(1), 102-112.
- Rothbart, M. (1986). Longitudinal observation of infant temperament. *Development Psychology*, 22 (3), 356.
- Rothbart, M., Ahadi, S., Hershey, K., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: the Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, 72(5), 1394-1408.
- Rothbart, M., & Bates, J. (2006). *Temperament. Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed.).
- Rothbart, M., & Ahadi, S. (1994). Temperament and the development of personality. *Journal of Abnormal Psychology*, 103(1), 55-66.
- Rothbart, M., Ahadi, S., & Evans, D. (2000). Temperament and personality: origins and outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 122-135.
- Rothbart, M., Ahadi, S., & Hershey, K. (1994). Temperament and social behavior in childhood. *Merrill-Palmer Quarterly: Journal of Developmental Psychology*.

- Shiner, R., & Caspi, A. (2003). Personality differences in childhood and adolescence: measurement, development, and consequences. *Journal Children Psychological Psychiatry*, 44(1), 2-32.
- Sleddens, E., Kremers, S., Candel, M., De Vries, N., & Thijs, C. (2011). Validating the Children's Behavior Questionnaire in Dutch children: Psychometric properties and a cross-cultural comparison of factor structures. *Psychological Assessment*, 23(2), 417.
- Tabachnick, B., & Field, L. (2001). *Using multivariate statistics* (4th ed.). New York.
- Thomas, A., & Chess, S. (1977). *Temperament and development*. New York: Brunner/ Mazel.
- Thompson, B. (1994). Guidelines for authors. *Educational and Psychological Measurement*, 54, 837-847.
- Tinsley, H., & Tinsley, D. (1987). Uses of factor analysis in counseling psychology research. *Journal of Counseling Psychology*, 34(4), 414.
- *Tomlinson, P., Harbaugh, B., & Anderson, K. (1996). Children's temperament at 3 months and 6 years old: Stability, reability, and measurement issues. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 19, 33-47.
- Vieira, D., Maia, J., & Coimbra, J. (2007). Do Ensino Superior Para o Trabalho: Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Auto-Eficácia Na Transição Para o Trabalho (AETT). *Avaliação Psicológica*, 6(1), 3-12.

*As referências assinaladas com um asterisco não foram consultadas diretamente

Anexos

Valores de frequência das respostas aos itens

	Muito Falso N(%)	Bastante Falso N(%)	Pouco Falso N(%)	Nem Verdadeiro nem Falso N(%)	Pouco Verdadeiro N(%)	Bastante Verdadeiro N(%)	Muito Verdadeiro N(%)
Item 1	58 (9,8)	54 (9,1)	42 (7,1)	109 (18,4)	116 (19,6)	153 (25,9)	59 (10)
Item 2	58 (9,7)	82 (13,7)	74 (12,3)	73 (12,2)	122 (20,3)	134 (22,3)	57 (9,5)
Item 3	141 (23,5)	128 (21,3)	76 (12,7)	49 (8,2)	72 (12)	89 (14,8)	45 (7,5)
Item 4	*	9 (1,5)	9 (1,5)	9 (1,5)	31 (5,1)	150 (24,9)	395 (65,5)
Item 5	1 (0,2)	2 (0,3)	2 (0,3)	37 (6,4)	30 (5,2)	214 (37)	293 (50,6)
Item 6	11 (1,8)	17 (2,8)	26 (4,3)	57 (9,5)	92 (15,4)	213 (35,6)	183 (30,6)
Item 7	24 (4,1)	60 (10,3)	53 (9,1)	96 (16,5)	138 (23,8)	156 (26,9)	54 (9,3)
Item 8	26 (4,3)	38 (6,3)	41 (6,8)	52 (8,7)	98 (16,4)	191 (31,9)	153 (25,5)
Item 9	7 (1,2)	15 (2,5)	31 (5,2)	52 (8,8)	86 (14,5)	227 (38,8)	175 (29,5)
Item 10	51 (8,5)	72 (12)	47 (7,8)	66 (11)	131 (21,9)	147 (24,5)	85 (14,2)
Item 11	30 (5)	55 (9,2)	38 (6,3)	66 (11)	132 (22)	151 (25,1)	129 (21,5)
Item 12	28 (4,9)	46 (8,1)	42 (7,4)	92 (16,2)	105 (18,5)	157 (27,6)	99 (17,4)
Item 13	7 (1,2)	16 (2,7)	7 (1,2)	39 (6,5)	51 (8,5)	176 (29,4)	303 (50,6)
Item 14	17 (2,8)	30 (5)	25 (4,1)	42 (7)	104 (17,2)	167 (27,7)	218 (36,2)
Item 15	*	*	4 (7)	12 (2)	35 (5,8)	259 (43)	293 (48,6)
Item 16	81 (13,5)	120 (20)	73 (12,2)	66 (11)	120 (20)	100 (16,7)	39 (6,5)
Item 17	63 (11,4)	50 (9)	39 (7)	90 (16,2)	82 (14,8)	121 (21,8)	109 (19,7)
Item 18	87 (14,9)	101 (17,3)	70 (12)	108 (18,5)	127 (21,7)	63 (10,8)	29 (5)
Item 19	162 (27,6)	148 (25,2)	84 (14,3)	82 (14)	63 (10,7)	38 (6,5)	10 (1,7)
Item 20	16 (3)	24 (4,5)	29 (5,5)	114 (21,6)	105 (19,8)	172 (32,5)	69 (13)
Item 21	37 (6,2)	47 (12,5)	61 (10,3)	80 (13,5)	149 (25,1)	137 (23,1)	56 (9,4)
Item 22	12 (2)	18 (3)	20 (3,3)	15 (2,5)	69 (11,5)	195 (32,4)	272 (45,3)
Item 23	39 (6,6)	41 (6,9)	28 (4,7)	64 (10,8)	111 (18,7)	167 (28,1)	144 (24,2)
Item 24	84 (16,9)	67 (12,7)	34 (6,4)	76 (14,4)	74 (14)	128 (24,2)	60 (11,4)
Item 25	40 (6,8)	61 (10,3)	64 (10,8)	82 (13,9)	133 (22,5)	152 (25,7)	59 (10)
Item 26	33 (5,5)	50 (8,3)	40 (6,7)	55 (9,2)	91 (15,1)	172 (28,6)	160 (26,6)
Item 27	24 (4)	33 (5,5)	52 (8,7)	99 (16,6)	131 (22)	176 (29,6)	80 (13,4)
Item 28	22 (3,8)	32 (5,5)	38 (6,6)	106 (18,3)	140 (24,2)	182 (31,5)	58 (10)

Item 29	17 (2,8)	46 (7,6)	36 (6)	47 (7,8)	95 (15,8)	187 (31,1)	174 (28,9)
Item 30	6 (1)	17 (2,8)	22 (3,6)	37 (6,1)	105 (17,4)	197 (32,7)	219 (36,3)
Item 31	11 (1,8)	24 (4)	23 (3,8)	57 (9,5)	91 (15,1)	231 (38,3)	166 (27,5)
Item 32	3 (0,5)	5 (0,9)	10 (1,7)	31 (5,4)	48 (8,3)	231 (40)	249 (43,2)
Item 33	4 (0,7)	4 (0,7)	10 (1,7)	25 (4,2)	44 (7,5)	213 (36,1)	290 (49,2)
Item 34	67 (11,2)	76 (12,7)	52 (8,7)	63 (10,5)	131 (21,9)	132 (22,1)	77 (12,9)
Item 35	127 (21,1)	112 (18,6)	66 (11)	53 (8,8)	74 (12,3)	92 (15,3)	78 (13)
Item 36	62 (10,5)	103 (17,5)	81 (13,8)	109 (18,5)	133 (22,6)	74 (12,6)	27 (4,6)
Item 37	79 (13,1)	78 (12,9)	49 (8,1)	47 (7,8)	142 (23,5)	128 (21,2)	80 (13,3)
Item 38	22 (3,7)	48 (8)	55 (9,2)	63 (10,5)	165 (27,6)	162 (27,1)	83 (13,9)
Item 39	*	1 (0,2)	2 (0,3)	8 (1,3)	9 (1,5)	113 (18,8)	469 (77,9)
Item 40	20 (3,4)	21 (3,5)	36 (6)	69 (11,6)	131 (21,9)	202 (33,8)	118 (19,8)
Item 41	20 (3,7)	31 (5,7)	28 (5,2)	76 (14,1)	83 (15,4)	133 (24,6)	169 (31,3)
Item 42	81 (14,1)	109 (18,9)	50 (8,7)	100 (17,4)	92 (16)	90 (15,6)	54 (9,4)
Item 43	157 (26,4)	188 (31,6)	41 (6,9)	76 (12,8)	88 (14,8)	29 (4,9)	15 (2,5)
Item 44	7 (1,2)	16 (2,7)	22 (3,7)	35 (5,8)	67 (11,2)	261 (43,5)	192 (32)
Item 45	24 (4,4)	36 (6,6)	33 (6,1)	74 (13,6)	86 (15,8)	164 (30,1)	127 (23,3)
Item 46	9 (1,6)	11 (1,9)	14 (2,4)	39 (6,7)	82 (14,1)	233 (40,2)	192 (33,1)
Item 47	5 (0,9)	2 (0,3)	13 (2,2)	45 (7,7)	73 (12,5)	243 (41,5)	204 (34,9)
Item 48	287 (47,8)	173 (28,8)	53 (8,8)	24 (4)	38 (6,3)	16 (2,7)	9 (1,5)
Item 49	162 (26,9)	149 (24,8)	49 (8,1)	52 (8,6)	71 (11,8)	89 (14,8)	30 (5)
Item 50	87 (14,6)	162 (27,2)	66 (11,1)	137 (23)	72 (12,1)	41 (6,9)	31 (5,2)
Item 51	39 (6,8)	81 (14,2)	52 (9,1)	127 (22,2)	103 (18)	110 (19,2)	60 (10,5)
Item 52	48 (8)	61 (10,2)	45 (7,5)	55 (9,2)	116 (19,3)	152 (25,3)	123 (20,5)
Item 53	66 (11)	94 (15,7)	56 (9,3)	63 (10,5)	89 (14,8)	137 (22,8)	95 (15,8)
Item 54	39 (7,6)	48 (9,3)	39 (7,6)	82 (16)	82 (16)	125 (24,3)	99 (19,3)
Item 55	6 (1)	9 (1,5)	7 (1,2)	31 (5,2)	78 (13,1)	272 (45,6)	194 (32,5)
Item 56	60 (11,3)	101 (19,1)	68 (12,8)	107 (20,2)	85 (16)	68 (12,8)	41 (7,7)
Item 57	1 (0,2)	1 (0,2)	4 (0,7)	10 (1,7)	18 (3)	162 (26,9)	406 (67,4)
Item 58	5 (0,8)	7 (1,2)	12 (2)	33 (5,5)	75 (12,5)	234 (39)	234 (39)
Item 59	6 (1)	16 (2,7)	22 (3,7)	60 (10)	133 (22,1)	246 (40,9)	118 (19,6)
Item 60	13 (2,2)	29 (4,8)	30 (5)	40 (6,7)	113 (18,9)	207 (34,6)	167 (27,9)
Item 61	59 (9,8)	104 (17,3)	71 (11,8)	57 (9,5)	93 (15,5)	145 (24,2)	71 (11,8)
Item 62	12 (2)	26 (4,3)	30 (5)	57 (9,5)	132 (22)	203 (33,8)	140 (23,3)

Item 63	68 (11,3)	63 (10,5)	44 (7,3)	65 (10,8)	81 (13,5)	139 (23,1)	141 (23,5)
Item 64	27 (4,5)	47 (7,8)	47 (7,8)	45 (7,5)	132 (21,9)	198 (32,9)	106 (17,6)
Item 65	*	1 (0,2)	4 (0,7)	11 (1,8)	23 (3,8)	179 (29,7)	384 (63,8)
Item 66	16 (2,7)	37 (6,2)	54 (9)	60 (10)	135 (22,5)	200 (33,3)	99 (16,5)
Item 67	3 (0,5)	3 (0,5)	11 (1,8)	43 (7,2)	75 (12,5)	264 (44)	201 (33,5)
Item 68	75 (13,4)	96 (17,1)	59 (10,5)	69 (12,3)	98 (17,5)	112 (20)	51 (9,1)
Item 69	32 (5,4)	37 (6,2)	25 (4,2)	50 (8,4)	115 (19,4)	172 (29)	162 (27,3)
Item 70	52 (8,7)	66 (11)	44 (7,4)	68 (11,4)	136 (22,7)	166 (27,8)	66 (11)
Item 71	29 (4,9)	66 (11,1)	68 (11,5)	78 (13,2)	131 (22,1)	152 (25,7)	68 (11,5)
Item 72	4 (0,7)	9 (1,6)	12 (2,1)	46 (8)	62 (10,7)	225 (39)	219 (38)
Item 73	19 (3,2)	25 (4,2)	27 (4,6)	41 (6,9)	97 (16,4)	239 (40,4)	143 (24,2)
Item 74	26 (4,4)	61 (10,4)	69 (11,8)	104 (17,7)	142 (24,2)	156 (26,6)	29 (4,9)
Item 75	79 (13,1)	142 (23,6)	72 (12)	61 (10,1)	127 (21,1)	87 (14,5)	34 (5,6)
Item 76	2 (0,3)	1 (0,2)	4 (0,7)	18 (3)	24 (4,1)	204 (34,5)	339 (57,3)
Item 77	*	3 (0,5)	3 (0,5)	15 (2,5)	34 (5,6)	166 (27,6)	381 (63,3)
Item 78	41 (7,1)	52 (9,1)	54 (9,4)	108 (18,8)	110 (19,2)	144 (25,1)	65 (11,3)
Item 79	*	3 (0,5)	8 (1,3)	19 (3,2)	53 (8,8)	257 (42,8)	261 (43,4)
Item 80	129 (21,6)	200 (33,5)	79 (13,2)	41 (6,9)	78 (13,1)	56 (9,4)	14 (2,3)
Item 81	30 (5)	71 (11,9)	107 (17,9)	83 (13,9)	159 (26,5)	117 (19,5)	32 (5,3)
Item 82	99 (18,2)	157 (28,9)	66 (12,2)	94 (17,3)	71 (13,1)	46 (8,5)	10 (1,8)
Item 83	252 (43,2)	173 (29,7)	49 (8,4)	31 (5,3)	34 (5,8)	23 (4,8)	16 (2,7)
Item 84	83 (13,9)	135 (22,7)	81 (13,6)	62 (10,4)	107 (18)	92 (15,5)	35 (5,9)
Item 85	9 (1,5)	20 (3,3)	19 (3,2)	36 (6)	68 (11,3)	216 (35,8)	235 (39)
Item 86	*	2 (0,3)	3 (0,5)	11 (1,8)	28 (4,7)	147 (24,5)	410 (68,2)
Item 87	7 (1,2)	11 (1,8)	20 (3,3)	62 (10,3)	107 (17,8)	258 (43)	135 (22,5)
Item 88	49 (8,3)	86 (14,7)	48 (8,2)	52 (8,9)	146 (24,9)	111 (18,9)	95 (16,2)
Item 89	15 (2,6)	53 (9)	39 (6,6)	86 (14,6)	154 (26,2)	172 (29,3)	69 (11,7)
Item 90	35 (5,9)	92 (15,4)	92 (15,4)	73 (12,2)	164 (27,4)	102 (17,1)	40 (6,7)
Item 91	79 (13,2)	96 (16,1)	82 (13,7)	69 (11,6)	107 (17,9)	123 (20,6)	41 (6,9)
Item 92	88 (14,8)	141 (29,7)	102 (17,2)	71 (12)	94 (15,8)	84 (14,1)	14 (2,4)
Item 93	90 (15)	137 (22,9)	71 (11,9)	90 (15)	119 (19,9)	67 (11,2)	25 (4,2)
Item 94	50 (8,6)	89 (15,4)	52 (9)	103 (17,8)	118 (20,4)	116 (20)	51 (8,8)

Children's Behavior Questionnaire - Short Form Version

Mary K. Rothbart , 2000, University of Oregon, USA

Versão Portuguesa

1. Parece estar sempre com muita pressa para ir de um lado para outro.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

2. Fica zangado quando lhe é dito para ir para a cama.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

3. Não fica muito incomodado com a dor.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

4. Gosta de descer em escorregas ou de realizar outras actividades aventureiras.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

5. Quando toca nos objectos nota a suavidade ou aspereza

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

6. Fica tão entusiasmado(a) antes de um acontecimento empolgante que tem dificuldade em manter-se quieto(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

7. Geralmente precipita-se para uma actividade sem pensar.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

8. Chora tristemente quando perde ou quando se parte um dos seus bonecos preferidos.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

9. Fica bastante desconfortável quando está com frio ou está molhado(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

10. Gosta de brincar de uma forma tão arriscada ou imprudente que pode aleijar-se.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

11. Parece estar à vontade com quase todas as pessoas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

12. Tende a correr em vez de andar de sala para sala.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

13. Repara quando os pais vestem roupas novas

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

14. Faz birras quando não consegue o que quer.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

15. Mostra-se muito entusiasmado com as coisas que faz.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

16. Quando está a realizar uma actividade tem dificuldade em manter-se concentrado(a)

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

17. Tem medo de ladrões ou do "bicho papão".

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

18. Quando está na rua senta-se muito sossegado.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

19. Diverte-se com histórias engraçadas, mas não costuma rir-se delas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

20. Tende a ficar triste se os planos da família não resultam.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

21. Muda de uma tarefa para outra sem completar nenhuma delas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

22. Move-se activamente (corre, sobe às coisas, salta) quando está a brincar em casa.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

23. Tem medo de barulhos intensos.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

24. Parece ouvir sons mesmo que muito calmos.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

25. Tem dificuldade em acalmar-se depois de uma actividade excitante

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

26. Gosta de tomar banhos quentes.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

27. Parece ficar deprimido(a) quando não é capaz de completar uma tarefa.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

28. Precipita-se frequentemente para novas situações.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

29. Fica muito perturbado(a) com um pequeno corte ou ferida.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

30. Fica muito frustrado(a) quando não lhe deixam fazer alguma coisa que ele(a) quer.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

31. Fica aborrecido(a) quando parentes ou amigos de quem gosta se preparam para ir embora depois de uma visita.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

32. Faz comentários quando um dos pais muda sua aparência.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

33. Desfruta de actividades como brincar à apanhada (cacadinhas) ou fazer o avião, etc.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

34. Quando está zangado com qualquer coisa tende a ficar aborrecido(a) durante dez minutos ou mais.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

35. Não tem medo do escuro.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

36. Demora muito tempo na aproximação a novas situações.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

37. Por vezes é envergonhado(a) mesmo com pessoas que conhece há muito tempo.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

38. Consegue esperar para começar actividades novas quando lhe é dito para esperar.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|

39. Gosta de se aconchegar junto dos pais ou de quem cuida dele(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

40. Fica zangado(a) quando não encontra algo com que quer brincar.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

41. Tem medo do fogo.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

42. Por vezes parece nervoso(a) quando fala com adultos que acabou de conhecer.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

43. É lento(a) e não tem pressa em decidir o que fazer a seguir.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

44. Em poucos minutos deixa de estar zangado e passa a sentir-se melhor

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

45. Prepara-se para as viagens ou para um passeio, planeando as coisas de que necessitará.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

46. Fica muito excitado(a) enquanto se prepara para as viagens.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

47. Fica rapidamente atento(a) para qualquer novo elemento ou objecto na sala.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

58. Fica muito excitado(a) antes de uma saída (por ex., piquenique, festa, etc.).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

48. Raramente dá gargalhadas durante a brincadeira com outras crianças.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

49. Não fica muito perturbado(a) com cortes ou feridas menores.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

50. Prefere actividades calmas a jogos activos.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

51. Tende a dizer a primeira coisa que lhe vem à cabeça, sem parar para pensar sobre isso.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

52. Age de forma envergonhada perante novas pessoas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

53. Tem dificuldade em permanecer sentado(a) quando lhe é dito para o fazer (em cinemas, igreja, etc.).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

54. Raramente chora quando ouve uma história triste.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

55. Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

56. Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

57. Gosta quando conversam com ele(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

68. Raramente se assusta com "monstros" que vê nos filmes.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

59. Se está aborrecido(a), rapidamente se põe bem-disposto(a), pensando numa outra coisa.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

60. Sente-se à vontade em pedir a outras crianças para brincar.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

61. Raramente fica chateado(a) quando lhe é dito para ir para a cama.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

62. Quando está a desenhar ou a colorir um livro mostra uma grande concentração.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

63. Tem medo do escuro.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

64. É provável que chore mesmo quando a dor é pequena.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

65. Gosta de ver livros com figuras.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

66. É fácil de acalmar quando está perturbado(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

67. Compreende as instruções dadas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

78. Não gosta de jogos duros e barulhentos.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

79. Muitas vezes dá gargalhadas quando brinca com outras crianças.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

69. Quando está num baloiço gosta de ir depressa e alto.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

70. Por vezes afasta-se de forma envergonhada quando conhece pessoas novas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

71. Fica muito envolvido(a) com o que está a fazer trabalhando durante longos períodos de tempo.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

72. Gosta que cantem para ele(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

73. Aproxima-se com cuidado e devagar de lugares quando lhe foi dito que são perigosos.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

74. Raramente fica desencorajado(a) quando tem dificuldades em fazer algo funcionar.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

75. É muito difícil de acalmar quando está perturbado(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

76. Gosta do som das palavras, como ouvir rimas e canções infantis

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

77. Sorri muito para as pessoas de quem gosta.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

87. Fica zangado(a) quando é interrompido(a) durante a sua brincadeira antes de a terminar.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

88. Gosta de andar de triciclo ou de bicicleta de forma imprudente ou rápida.

1 2 3 4 5 6 7 NA
|_|_|_|_|_|_|_|_|

80. Raramente se ri alto enquanto vê televisão ou comédias televisivas.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

81. Pode facilmente parar uma actividade quando lhe é dito "não".

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

82. É das últimas crianças a experimentar uma nova actividade.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

83. Geralmente não nota odores de perfumes, de tabaco, de cozinhados, etc.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

84. Distrai-se facilmente quando está a ouvir uma história.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

85. Tem muita energia, mesmo à noite.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

86. Gosta de se sentar ao colo dos pais.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

89. Por vezes fica absorvido(a) com a ilustração de um livro ficando a olhar durante muito tempo.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

90. Mantém-se calmo(a) enquanto espera por uma sobremesa, por exemplo, um gelado

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

91. Dificilmente se queixa quando está doente com uma constipação.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

92. Espera ansiosamente para passear com a família mas não fica muito excitado(a) com isso.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

93. Gosta de se sentar silenciosamente e ver as pessoas a fazerem coisas.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|

94. Gosta de actividades rítmicas calmas como por exemplo balancear-se.

1 2 3 4 5 6 7 NA

|_|_|_|_|_|_|_|